

**ROSÂNI KUCARZ DA CUNHA**

**ESTADO E EDUCAÇÃO: A PLATAFORMA LATTES COMO UM MODELO  
COMPACTO DO DISPOSITIVO DISCIPLINAR**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
PUCPR**

**CURITIBA  
2003**

**ROSÂNI KUCARZ DA CUNHA**

**ESTADO E EDUCAÇÃO: A PLATAFORMA LATTES COMO UM MODELO  
COMPACTO DO DISPOSITIVO DISCIPLINAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

**Orientador: Profº. Dr. Antonio Edmilson Paschoal**

**CURITIBA**

**2003**

*“Hoje o mundo é mensagem, códigos, informação. Que dissecação amanhã deslocará os nossos objetos para os recompor em um espaço novo? Que nova boneca russa emergirá dali?”*

*François Jacob*

*Dedico este trabalho ao meu pai, Ludovico Kucarz (in memoriam), falecido em 13 de julho de 2003, a quem eu gostaria de dizer de algum modo que o contato que tivemos no seu último ano foi de extremo valor para a minha formação pessoal e profissional, e que, se não houvesse aquelas “horas sofridas” que passamos, este trabalho não teria sido melhor.*

## AGRADECIMENTOS

Desejo registrar minha gratidão:

Ao Professor Doutor Antônio Edmilson Paschoal com quem tive o privilégio de partilhar momentos da sua competência intelectual e ética, fato este, que resultou para mim num significativo aprendizado.

À Professora Doutora Carmen Lucia Fornari Diez, aquela que teve um papel definitivo em diversos momentos desse percurso, demonstrando de modo sublime o que lhe é nato: Sabedoria, Competência e Generosidade.

Ao Professor Doutor Peri Mesquida, pela disponibilidade e apoio que me ofereceu.

Em especial a Norton e Brida, com todo o meu Amor, pela compreensão e incentivo.

Aos meus familiares, pela compreensão e respeito que tiveram pelas minhas ausências necessárias, de modo particular a minha mãe, pelas orações que me guiaram.

Aos meus colegas e Professores da PUCPR, que fizeram com que essa Instituição represente para mim, um ambiente de crescimento intelectual, estímulo e solidariedade.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>7</b>
<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>7</b>
1.1 GENEALOGIA.....	8
1.1.1 Os Elementos Constituintes da Concepção de Genealogia.....	9
1.2 AS RAÍZES NIETZSCHEANAS DA GENEALOGIA DE FOUCAULT.....	17
1.2.1 A Gênese da Relação Saber-Poder nas Análises Foucaultianas.....	27
1.2.2 A Concepção de Poder como um “Exercício”.....	31
1.2.2.1 As mudanças dos métodos punitivos.....	34
1.2.3 A Produção de Saberes nas Instituições Modernas.....	41
1.2.4 O Biopoder nas Relações entre Saber-Poder.....	53
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>58</b>
<b>A SOCIEDADE DISCIPLINAR.....</b>	<b>58</b>
2.1 AS CONDIÇÕES DE SURGIMENTO DA SOCIEDADE DISCIPLINAR.....	59
2.2 A VIGILÂNCIA: CARACTERÍSTICA BÁSICA DA SOCIEDADE DISCIPLINAR.....	69
2.2.1 As Técnicas Utilizadas no Cumprimento das Funções das Instituições Disciplinares.....	76
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>83</b>
<b>PLATAFORMA LATTES: DISPOSITIVO DISCIPLINAR NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>83</b>
3.1 AS REFORMAS DO ESTADO: CONDIÇÃO CIRCUNSTANCIAL PARA O SURGIMENTO DA PLATAFORMA LATTES.....	87
3.1.1 A Avaliação da Competência como Função Primordial da Plataforma Lattes.....	94
3.2 A PLATAFORMA LATTES.....	97
3.2.1 Currículo Lattes: Centro da Relação Poder-Saber.....	98
3.2.2 Diretórios.....	103
3.2.2.1 Diretórios de grupos	
3.2.2.2 Diretórios de Instituições.....	110
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>122</b>
ANEXO: EXEMPLO DE CURRÍCULO LATTES.....	124

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apontar as semelhanças entre a relação poder-saber presente no panoptismo próprio da sociedade disciplinar analisada por Michel Foucault, e, o formulário eletrônico (Plataforma Lattes) do MCT, do CNPq, da Finep e da CAPES/MEC para o cadastro de dados curriculares de pesquisadores e de usuários em geral. Ele está organizado em três momentos. No primeiro, buscou-se na obra de Michel Foucault os principais pressupostos teóricos correspondentes à questão nuclear do seu pensamento, ou seja, as articulações entre **poder e saber**. Para tal empreendimento, parte-se das idéias nietzscheanas sobre a genealogia, por apresentarem alguns elementos constitutivos (vontade de poder, interpretação e engajamento) do procedimento de pesquisa adotado por Foucault nas análises que desenvolveu, sobretudo, na década de 1970, nas quais Foucault elabora sua tese de que todo saber tem sua gênese nas relações de poder, e são saberes atribuídos de poder de controle tanto de corpos, quanto de subjetividades. Num segundo momento, o tema **Sociedade disciplinar** é abordado com maior enfoque, a partir de fragmentos das diversas análises históricas realizadas pelo filósofo francês, sobretudo, as que se referem ao final do século XVIII e início do XIX, período em que se estabeleceu esse modelo de sociedade que também denominou de panoptismo por ter na base da sua estrutura a vigilância, e, que segundo o filósofo, se mantém na sociedade contemporânea. No terceiro momento, parte-se da questão da **avaliação** na educação superior que corresponde ao **exame**, o qual se constitui em uma peça indispensável para o funcionamento da relação saber-poder na sociedade disciplinar, e, que é exemplificado na descrição do formulário eletrônico elaborado e lançado no Brasil em 1999, denominado de **Plataforma Lattes**. Em suma, esta dissertação procura fundamentar a hipótese de que a Plataforma Lattes pode ser vista como uma expressão do **Panoptismo** contemporâneo.

## **ABSTRACT**

This work aims point out the similarities between the know/power relationship in disciplinary society' panoptism analyzed by Michel Foucault, and electronic report (Lattes Platform) of MCT, CNPq, Finep and CAPES/MEC to the researcher's cadastre and users in general of curricular dates. It was arranged in three moments. In the first one, it sought in Foucault's writings the mainly supposes according to the nuclear question of his thought, i.e., similarities between know/power. In order to do it, its used the nietzschean ideas about genealogy because they present the constitutive elements (will to power, interpretation and engagement) of research's procedure adopted by Foucault through his analyses, specially in 1970s, when he elaborates the notion that all know has its genesis in the power relationship, as much corps as subjectivity. In the second one, it's emphasized the Disciplinary Society through several fragments of historical analysis done by the author, specially that from final of eighteenth century and beginning of nineteenth, a period that were created the panoptic whose structure is vigilance and, according to Foucault, it is present in the actuality. The last moment, some aspects of State reformation started in 1995 provide the way to the Lattes Platform' analysis. This reformation emphasizes the competencies' evaluation in universities, whose aspect expresses the know/power relationship in disciplinary society and it has exemplified by the electronic report elaborated and on-lined since 1999 in Brazil. The electronic report is called Lattes Platform. In summa, this dissertation seeks to found the hypothesis that Lattes Platform can be seen as an expression of contemporary panoptism, since it has been a compact model of disciplinary device.

## INTRODUÇÃO

Em um determinado ambiente acadêmico, num momento informal, uma frase foi captada: “*Você só existe se aparecer*”. Esta frase estava relacionada à produção de pesquisa científica, aspecto fundamental e rotineiro numa academia. Contudo, ela permaneceu latente, querendo ser compreendida e causando um certo incômodo por passar a idéia de exclusão.

A compreensão veio pouco tempo depois, quando se percebeu a exigência de tornar visível toda a produção científica. Esta visualização que proporciona uma avaliação contínua e normatizada, constitui os critérios para que as pesquisas possam obter seu reconhecimento perante os órgãos responsáveis. Um espaço foi criado para possibilitar a visibilidade constante e, certamente, o controle das pesquisas. Trata-se da Plataforma Lattes.

A partir daí, foi possível a compreensão do sentido da frase captada nos corredores da universidade, que levou a associação a uma outra que havia sido captada em leituras recentes: “*(...) no interior do qual a nossa existência se encontra aprisionada (...)*”.<sup>1</sup> A Plataforma Lattes foi o ponto de ligação entre as frases. Ela pode ser considerada o lugar que aprisiona a existência do pesquisador. Tal associação aguçou ainda mais o incômodo que permaneceu interiorizado até a realização do presente trabalho, que possibilitou a sua exteriorização.

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, M. 2002b: 199.

O presente trabalho se constitui, portanto, numa leitura da gênese da Plataforma Lattes, tomada como objeto para este estudo. Tal objeto corresponde a um ambiente *WEB* que funciona como um banco de dados curriculares utilizados para o sistema de avaliação, sobretudo na Educação Superior.

A importância deste trabalho está na possibilidade de trazer uma leitura que venha a contribuir não apenas nos discursos sobre as práticas cotidianas da universidade que se fazem com posicionamentos limitados a uma única perspectiva, mas que possa trazer também algumas considerações com aspectos filosóficos importantes para reflexão particular de cada participante desse processo.

Trata-se de uma reflexão sobre um aspecto da Educação superior, a partir de uma abordagem filosófica, que resulta numa pesquisa com o intuito de contribuir para um enriquecimento na construção da crítica necessária aos educadores envolvidos com o ensino superior. Contudo, esta análise pode levar a questionamentos sobre o papel da Educação e do Sujeito mediante a relação de poder-saber viabilizada por esse instrumento tecnológico chamado Plataforma Lattes.

A obra de Michel Foucault fornece um arsenal teórico muito pertinente para analisar esse procedimento que se tornou obrigatório no Brasil a partir de 2002. É, justamente a questão nuclear do seu pensamento, ou seja, a articulação entre poder e saber, é que dará o norte a análise dessa suspeita, por trazer a questão da disciplina, que aqui é transposta à Plataforma Lattes. Pois, segundo Foucault

a“disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo que comporta todo um conjunto

de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia.<sup>2</sup>

Essa analogia da Plataforma Lattes com a disciplina e a relação de poder pode ser ampliada em muitos aspectos. Ela agrega algumas modalidades que possibilitam a disciplina, a qual tem na sua base a vigilância. Trata-se dos módulos destinados ao cadastro de dados curriculares e dos Diretórios de grupos de pesquisa e de instituições. Os Diretórios são definidos da seguinte maneira:

O Diretório de Instituições é o módulo da Plataforma Lattes responsável pela gestão das informações institucionais. Reúne dados de identificação básica e da estrutura organizacional de universidades, empresas, institutos de pesquisa, organizações não-governamentais e demais instituições com qualquer tipo de interação com a pesquisa científica e tecnológica no Brasil e no exterior, notadamente as que participam do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil e aquelas cujos estudantes e pesquisadores demandam apoio do CNPq.<sup>3</sup>

Os termos: modalidade e módulo, presentes na definição do conceito da disciplina e da Plataforma, podem ser tomados, segundo este estudo, como meio de exercício de poder.

A leitura é realizada a partir de uma perspectiva que se fundamenta nas análises realizadas pelo filósofo, sobretudo, naquelas que mostram o deslocamento de algumas práticas sociais no limiar dos séculos XVIII e XIX, nas quais ele constatou a eficiência da aplicação de mecanismos disciplinares no controle de ‘corpos e mentes’ por meio do poder imbuído nos saberes que eram produzidos. Ele inferiu que a sociedade disciplinar ou panóptica surgida naquele período, ainda permanece.

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, 1987: 177.

<sup>3</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

O objetivo geral desta dissertação é, portanto, apontar algumas semelhanças importantes entre a relação poder-saber presente no panoptismo próprio da sociedade disciplinar e o formulário eletrônico (Plataforma Lattes) fornecedor de dados de interesse do MCT, do CNPq, da Finep e da CAPES/MEC para o cadastro curricular de pesquisadores e de usuários desse recurso.

O desenvolvimento do estudo está apresentado em três capítulos.

O **capítulo 1** tem por finalidade apresentar os pressupostos teóricos que fundamentam esta análise. Traz como abertura uma abordagem do tema genealogia. Como se trata de um estudo genealógico, procedimento utilizado pelo próprio Foucault em grande parte de seus estudos, julga-se necessário fazer, preliminarmente, algumas considerações sobre a genealogia, por ter um duplo papel nesta dissertação: como um tema que tem uma concepção particular na obra de Nietzsche, a qual é tomada posteriormente por Michel Foucault. Este resgate da concepção de genealogia tomada pelos filósofos possibilita a compreensão da relação feita por Foucault entre poder e saber resultante do procedimento genealógico realizado pelo autor. No outro papel, a genealogia assume a característica de opção metodológica para esta pesquisa que parte de uma desconfiança sobre o que se considera adequado e desejável nas práticas educacionais. Pois, se pretende trazer à tona uma outra perspectiva sobre as condições de surgimento e da utilização da Plataforma Lattes, não limitada às circunstâncias de causa e efeito. Nesse sentido, a genealogia como opção metodológica para este estudo é pertinente.

Prosseguindo com os pressupostos, apresenta-se o ponto central do pensamento foucaultiano, a relação poder-saber desenvolvida em seus escritos,

destacando a concepção de um tipo específico de poder e a descrição dos saberes provenientes dessa relação.

O **capítulo 2**, intitulado “Sociedade Disciplinar”, corresponde a uma delimitação dos pressupostos apresentados de maneira abrangente e com caráter exploratório no primeiro momento. Trata-se de uma abordagem específica da relação poder-saber existente nas técnicas disciplinares aplicadas a partir do final do século XVIII e início do século XIX. Neste capítulo, apresenta-se a análise de Foucault sobre as mudanças significativas ocorridas em várias práticas das instituições sociais do período da emergência da modernidade, sobretudo, quanto às normas penais. Resgatam-se também, algumas das passagens de seus estudos que demonstram a forma com que as técnicas disciplinares inspiradas no *Panopticon* de Jeremy Bentham, foram se desenvolvendo e propiciando o surgimento de uma série de saberes que se constituíam como instrumento de controle. A intenção primordial deste momento é trazer os aspectos que caracterizam a concepção de sociedade disciplinar elaborada por Foucault, que segundo o autor se estende à sociedade contemporânea, denominada por ele como disciplinar ou panóptica.

O **capítulo 3**, intitulado “Plataforma Lattes: Dispositivo Disciplinar na Instituição de Ensino Superior Contemporâneo”, parte da exposição das estratégias e ações governamentais aplicadas na reforma do ensino superior no Brasil, com o objetivo de mostrar as condições de surgimento da Plataforma Lattes como decorrência das reformas de Estado e da educação superior no Brasil a partir de 1990. Em meio às propostas para a nova configuração do Estado que atribuiu medidas a serem tomadas para o ensino superior, encontram-se as condições de emergência da Plataforma Lattes, entendida aqui como um dispositivo, que na forma

de um grande banco de dados, consegue disciplinarizar a produção de pesquisas científicas e o aperfeiçoamento do pessoal atuante em nível superior. Descrevem-se assim, os elementos que constituem a Plataforma Lattes, sua origem e seu funcionamento. Estas informações possibilitam chegar à análise das semelhanças dessa prática com àquelas analisadas por Foucault nos estudos sobre as instituições que surgiram na segunda metade do século XVIII e início do século XIX. Assim, a análise final centra-se na hipótese levantada a partir do problema dessa pesquisa: a Plataforma Lattes pode ser vista como uma expressão do Panoptismo contemporâneo?

# CAPÍTULO I

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

*As verdades também são construídas, elas têm uma história; fazer falar essa história pode render frutos preciosos para melhor apreendermos o presente.*

*Paula Sibília*

Neste capítulo pretende-se apresentar algumas das concepções temáticas que se configuram no referencial teórico utilizado para a análise que se pretende ao final desta dissertação, a saber, uma leitura da Plataforma Lattes sob a luz foucaultiana.

Procede-se inicialmente à abordagem da genealogia, a fim de expor o procedimento utilizado nas análises de Foucault, apontando as suas raízes na genealogia inaugurada por Nietzsche. Ao fazê-lo, pretende-se apresentar a genealogia como o procedimento que possibilita a tese de Foucault sobre a relação poder-saber. Na seqüência, têm-se aspectos da concepção de poder, entendida por Foucault como uma forma de exercício presente nas práticas sociais instituídas no final do século XVIII e início do século XIX, bem como a concepção de saberes que emergem das relações de poder e que acabam efetivando ainda mais essas relações na sociedade. Dentre esses saberes, aponta-se para aqueles que constituem o Biopoder.

## 1.1 GENEALOGIA

A genealogia obtém um sentido específico quando tomada a partir de Nietzsche e Foucault. Essa especificidade consiste na ampliação do conceito simplista que corresponde à mera busca pelas origens históricas de algo, de uma família, de uma instituição.

O objetivo de abrir esta análise com uma abordagem da genealogia segundo a especificidade desses autores para, na seqüência, focar a análise da Plataforma Lattes, está em mostrar que a abordagem da genealogia tem dupla finalidade nesta dissertação. Em primeiro lugar, visa esclarecer alguns aspectos próprios da metodologia utilizada neste trabalho que se pretende configurar como um procedimento genealógico. Em segundo lugar, se configura como fundamentação teórica que será utilizada para a análise da Plataforma Lattes sob a hipótese de que esta se apresenta como um dispositivo disciplinar vigilante que se consolida no interior da Universidade Brasileira, sobretudo, nas relações de saber-poder.

Como metodologia de pesquisa, ela compreende uma série de questionamentos sobre práticas sociais do presente, investigando as condições em que tais práticas se desenvolveram, permeando por uma variedade de circunstâncias implicadas à gênese dessas práticas; como fundamentação teórica, a genealogia mostra, sobretudo, a gênese da relação poder-saber, questão nuclear do pensamento de Michel Foucault, marco referencial dessa dissertação. A via de acesso à noção de genealogia se fará a partir da abordagem de alguns termos que tomam sentido específico na concepção de Nietzsche (1844-1900) que posteriormente é retomada por Foucault (1926-1984). A genealogia é vista por

estudiosos desses autores como um dos aspectos mais importantes para a compreensão da obra desses filósofos.

### 1.1.1 Os Elementos Constituintes da Concepção de Genealogia

Nietzsche se detém a fazer uma abordagem sobre a genealogia em alguns de seus textos, mas, sobretudo, faz genealogia ao questionar sobre a origem e o valor da moral contemporânea. Alguns termos vinculados à noção de genealogia em Nietzsche tomam um sentido específico, como, por exemplo, **vontade de poder**, **interpretação** e **engajamento**. Assim, elaborar uma exposição tomando esses termos na sua estrutura pode correr o risco de ser limitada nas suas possibilidades de abrangência, mas garante uma coesão na abordagem que aponta para a noção de genealogia como um procedimento que se constitui de elementos teóricos e práticos.

Inicia-se com a idéia de **vontade de poder**, porque se considera ser aquela que melhor identifica a originalidade nietzscheana da genealogia. Nietzsche, ao diferenciar a genealogia da simples busca de causas finais para origem de algo, comenta:

Mas todos os fins, todas as utilidades são apenas *indícios* de que uma vontade de poder se assenhoreou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função; e toda a história de uma “coisa”, um órgão, um uso, pode desse modo ser uma ininterrupta cadeia de signos de sempre novas interpretações e ajustes, cujas causas nem precisam estar relacionadas entre si, antes podendo se suceder e substituir de maneira meramente casual.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> NIETZSCHE, 1998: II, §12.

Nesse sentido a genealogia pode ser o resultado encontrado ou criado pelo genealogista, que movido pela vontade de poder, traz interpretações ou reinterpretações para os questionamentos que formula quando procura entender algo do seu presente.

Esses questionamentos se configuram como formulações teóricas, ou seja, a pesquisa das condições em que nascem e se desenvolvem os objetos em questão (no caso de Nietzsche, os valores morais), e, também, sob um aspecto prático, no sentido de que esses questionamentos não significam uma opção do genealogista, vêm como necessidade, um incômodo diante de uma tendência niilista, própria de sua época que leva a um conformismo, a uma busca de causas finais e teleológicas. Sobre essa condição, Nietzsche chama a atenção para **vontade de poder** presente na ação do genealogista, que faz com que se diferencie da perspectiva de pesquisadores que se detêm na moral do método, aquela que impõe pela consciência do método a

não admitir várias espécies de causalidade enquanto não se leva ao limite extremo (...) a tentativa de se contentar com uma só: eis a moral do método, à qual ninguém deve se subtrair hoje; ela se dá “por definição”, como diria um matemático. A questão é, afinal, se reconhecemos a vontade realmente como *atuante*, (...) *temos* então que fazer a tentativa de hipoteticamente ver a causalidade da vontade como única(...): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem “efeitos”, vontade atua sobre vontade e de que todo acontecer mecânico, na medida e que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade. (...), então se obteria o direito de definir *toda* força atuante, inequivocamente, como *vontade de poder*.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, 1992: § 36.

Segundo Nietzsche, quando o genealogista é movido por essa força atuante ou vontade de poder, uma vontade que mostra seus efeitos ao encontrar outras causalidades escondidas no passado, e as traz sob uma nova perspectiva, ele não pretende dogmatizá-la ou estagná-la, mas colocá-la num jogo de forças, entre outras que também se pretendem verdadeiras, assim, vontade de verdade é, também, vontade de poder.

A partir desse impulso da vontade de poder, entra em cena o outro termo associado à noção de genealogia nesta abordagem, trata-se da **Interpretação**.

A compreensão do sentido de interpretação a que Nietzsche se refere pressupõe que se considerem as referências feitas pelo autor a respeito de um outro termo vinculado a esse aspecto peculiar à genealogia, ou seja, a investigação. Este termo se refere à idéia de pesquisa, porém sem limitar a genealogia à idéia de produção e acúmulo de conhecimento.

Pode-se dizer que a investigação remete às formulações que dão início ao procedimento genealógico. A investigação permeia as circunstâncias que levaram à necessidade do surgimento desse algo. Nietzsche comenta sobre tais formulações que o levaram a traços peculiares desse procedimento, afirmando nas seguintes palavras:

...tanto minha curiosidade, quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão *de onde se originam* verdadeiramente nosso bem e nosso mal.(...) Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem do mal *por trás* do mundo. (...) em breve, transformou meu problema em outro: sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revelase neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? Para isso encontrei e arrisquei respostas diversas, diferenciei épocas, povos,

hierarquias dos indivíduos, especializei meu problema, das respostas nasceram novas perguntas, indagações, suposições, probabilidades: até que finalmente eu possuía um país meu, um chão próprio (...).<sup>6</sup>

Nota-se que, quando Nietzsche pergunta pelas condições em que se desenvolveram os valores morais, aponta para a necessidade de num primeiro momento recorrer à esfera teórica. Para ele, no entanto, compreender a utilidade de algo, de uma forma ou de uma instituição, está longe de significar a compreensão de sua gênese, pois todas as utilidades são apenas vestígios da ação das forças em um processo histórico. Portanto, a descrição de genealogia como “método” só cabe quando diz respeito ao que o filósofo se refere ao “conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram”.<sup>7</sup> Nietzsche demonstra esse sentido dado à investigação, quando diz que o genealogista não pode perder de vista “o cinza, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido, numa palavra, a longa quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!”<sup>8</sup> Desse modo, quando a investigação leva ao encontro daquilo realmente havido, o genealogista faz a **interpretação**, lançando mão da sua vontade de verdade que também é vontade de poder.

Portanto, a investigação configura a esfera teórica (pesquisa) da genealogia, ao expor o curso percorrido nos estudos genealógicos, e, o fim a que podem levar esses estudos, ou seja, a uma esfera prática (interpretações sob novas

---

<sup>6</sup> NIETZSCHE, 1998 Prólogo: § 3.

<sup>7</sup> NIETZSCHE, *op.cit.*, Prólogo: § 6.

<sup>8</sup> Idem: §7.

perspectivas) designada por Edmilson Paschoal (2003) como um ‘procedimento prático’.

Tal procedimento decorre do fato de que Nietzsche, ao questionar os valores morais de sua época, não se limitou a apenas encontrar uma origem, por exemplo, fundada em conceitos transcendentais, mas, fazer interpretações ao invés de meras constatações. Assim, diante das circunstâncias relacionadas à origem dos valores morais, o filósofo se depara com outras questões, como o próprio valor dos valores. E, esclarece que: “No fundo interessava-me algo bem mais importante do que revolver hipóteses, minhas ou alheias, acerca da origem da moral (...) para mim tratava-se do *valor* da moral.”<sup>9</sup> Questão esta, que o impele a continuar nesse procedimento necessário e estimulante por proporcionar, inclusive, a transvaloração dos valores. Nietzsche está consciente de que

necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, o *próprio valor* desses valores *deverá ser colocado em questão* — **para isto é necessário** um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como conseqüência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado.<sup>10</sup>

Nesse sentido, a necessidade da busca de um conhecimento novo que por meio do impulso da vontade de poder resulte em novas interpretações do genealogista, surge devido ao terceiro aspecto apontado nesta abordagem, o **engajamento**. Termo este que tem sua especificidade na concepção de genealogia

---

<sup>9</sup> NIETZSCHE, 1998: Prólogo, § 5.

<sup>10</sup> NIETZSCHE, *op. cit.* Prólogo, § 6. [grifo nosso]

e é compreendido com clareza numa leitura de Nietzsche feita por Edmilson Paschoal, que afirma:

É, no entanto, enquanto um procedimento prático, como um **engajamento** que a genealogia de Nietzsche produz seus melhores frutos. Para esse procedimento, aquele conhecimento produzido pela “pesquisa genealógica” é tomado como ponto de partida, para colocar em questão o valor que se convencionou atribuir, por exemplo, ao juízo do valor “bom”. (...) Em termos mais exatos, o que se tem com a genealogia, entendida enquanto um procedimento prático é a condução da análise dos valores morais para o campo da sintomatologia da vontade de poder.<sup>11</sup>

Trata-se da postura básica e filosófica do genealogista diante da tendência niilista que o filósofo identifica na cultura de sua época, na qual ele está engajado, na medida em que é parte envolvida. Assim, “faz a genealogia de si mesmo e não pode negar o solo de onde parte a sua pesquisa, pois é esse solo mesmo que ele procura entender”<sup>12</sup>.

O **engajamento**, portanto, refere-se à postura do genealogista em oposição à tendência niilista em que se encontra e representa uma contraposição ao objetivo da tendência que é levar o homem moderno ao conformismo e uma espécie de inanição, de narcose. Nietzsche questiona o valor dos valores morais que se encontram na base dessa tendência e que pretendem manter-se como valores em si. Dessa forma, ele lança mão da genealogia como ação do filósofo que não toma os valores como algo inquestionável (para a partir deles formular teorias verdadeiras). Mas, ao questioná-los, abre oportunidade para que possa também criar novos valores, e participar no jogo das forças. Nesse sentido, Nietzsche faz

---

<sup>11</sup> PASCHOAL, 2003: 59. [grifo nosso]

<sup>12</sup> PASCHOAL, *op. cit.*: 70.

uma crítica a outros filósofos da moral que não a problematizam, apenas buscam fundamentá-la, chegando no máximo a um novo modo de expressar a mesma fé na moral dominante. Refere-se como aqueles que,

desejaram a *fundamentação* da moral; a moral mesma, porém era tida como 'dada'. (...) como moralidade do seu ambiente, de sua classe, de sua Igreja, do espírito de sua época, de seu clima e lugar precisamente porque eram mal informados, não chegavam a ter em vista os verdadeiros problemas da moral (...). Por estranho que possa soar, em toda 'ciência a moral' sempre faltou o problema da própria moral: faltou suspeita de que ali havia algo problemático. O que os filósofos denominavam 'fundamentação da moral', exigindo de si, era apenas, vista à luz adequada, uma forma erudita da ingênua fé na moral dominante, um novo modo de *expressá-la* (...).<sup>13</sup>

O sentido de **engajamento** está implícito, portanto, nessa atitude do genealogista ao problematizar a moral, e acaba por desestabilizar os valores morais estabelecidos, quando apresenta outras perspectivas, aquelas que estavam nas profundezas, escondidas.

Entendendo a pesquisa genealógica como uma sintomatologia e algo que se insere em jogos de poder, pode-se dizer que é próprio da genealogia a possibilidade de apropriar, obliterar, impor um novo significado a algo que se questiona no presente. Não há em Nietzsche a intenção de transformar esse algo, mas, as novas perspectivas trazidas por ele podem tanto causar conflitos que desestabilizam os valores até então cristalizados, quanto apontar para novos significados.

---

<sup>13</sup> NIETZSCHE, 1992: §186.

O que pode ser tomado como exemplo é a transvaloração dos valores<sup>14</sup>, demonstrada por Nietzsche em seus escritos. Quando ele questiona a origem da moral e o valor dos valores morais, o faz apresentando outras perspectivas. Por exemplo, em oposição à moral vigente (a qual chama de moral de escravos) ele apresenta uma moral de senhores que permite ainda a oposição direta que denuncia aspectos da primeira, desenvolvimento de uma estratégia que consiste em mostrar aquela moral vigente como **uma** moral e não mais **a** moral. Mostrando sua data de nascimento e as condições nas quais vem ao mundo, ele a mostra como algo humano e resultado de jogos de poder; de uma vontade de poder em especial que se afirma com a negação de toda a força no homem. Nessa nova perspectiva, ele produziu uma reinterpretação invertendo o valor dos valores, por exemplo, *Bom e Ruim*.<sup>15</sup> Ao fazer a crítica dos valores, Nietzsche conclui, portanto, que os valores morais concebidos como, até então emancipadores para o homem podem ser, em outra interpretação, inibidores dessa emancipação.

Entretanto, não significa que as interpretações anteriores se anulem, mas abre espaço para manter o jogo, o conflito, enfim, a dinâmica das multiplicidades dos saberes opostos e que se pretendem verdadeiros. Pois Nietzsche, mesmo fazendo críticas a outros genealogistas da moral, sobretudo, por deixarem parecer uma certa insegurança quanto à validade dos questionamentos relacionados à moral, afirma a necessidade de levar a sério essas questões. Segundo ele, sobre a moral, “não existem coisas que mais *compensem* serem levadas a sério; sua recompensa está, por exemplo, em que talvez se possa algum dia levá-las na brincadeira, no

---

<sup>14</sup> *cf.*: MARTON, 1993.

<sup>15</sup> *cf.*: MARTON, 1993.

jovialidade.”<sup>16</sup> Nietzsche acredita que a validade está no momento em que se procede uma “longa, valente, laboriosa e subterrânea seriedade, uma tal que, admito, não é para todos”.<sup>17</sup>

É nesse sentido que se destaca a abordagem da genealogia nietzscheana nesta análise. A crítica de Nietzsche ao grau de ‘importância e seriedade’ dado pelo filósofo do século XIX à questão do valor da moral, será levantada no século XX por Foucault, quando analisou o aparecimento da prisão. Daí porque é necessário traçar uma abordagem sobre a influência da genealogia de Nietzsche nos escritos de Michel Foucault. É o que se pretende trazer a seguir .

## 1.2 AS RAÍZES NIETZSCHEANAS DA GENEALOGIA DE FOUCAULT

A partir da apresentação preliminar da noção de genealogia, é possível, neste momento, verificar de que forma ela foi tomada por Foucault. E é ele mesmo quem se refere a essa sua apropriação de Nietzsche, numa de suas entrevistas:

hoje fico mudo quando se trata de Nietzsche. No tempo em que era professor, dei freqüentemente cursos sobre ele, mas não mais o faria hoje. Se fosse pretensioso, daria como título geral ao que faço “genealogia da moral”.(...) Nietzsche é aquele que ofereceu como alvo essencial ao discurso filosófico, a relação de poder.(...) Quanto a mim, os autores que gosto, eu os utilizo. O único sinal de reconhecimento que se pode ter para um pensamento como o de Nietzsche, é precisamente utilizá-

---

<sup>16</sup> NIETZSCHE, 1998: Prólogo, §7.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, 1998: Prólogo, § 7.

lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Que os comentários digam se se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse.<sup>18</sup>

Já de início, tem-se nessas palavras de Foucault algum ponto convergente em relação ao pensamento de Nietzsche. Primeiro em relação à forma como Foucault pretende usar sua teoria, como uma ferramenta que pode ser deformada, ou assumir formas a partir de necessidades. O próprio Nietzsche quando comenta sobre a vontade de verdade imposta às leis da natureza pelos físicos, os critica dizendo que seus textos não passam de interpretações. Segundo Nietzsche:

... é interpretação, não texto, e bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos um interprete que lhes colocasse diante dos olhos o caráter não excepcional e peremptório de toda a “vontade de poder”(...).<sup>19</sup>

Nesse sentido, pode-se dizer que Foucault utiliza a mesma forma de pensar que Nietzsche, ou seja, buscar criar interpretações. E, isto está de acordo com o que Nietzsche pensa sobre vontade de poder, pois considera que as deformações ocorridas às leis da natureza ocorrem necessariamente devido a vontade de verdade que é **vontade de poder**. E, ao fazer a crítica à vontade de verdade dos físicos, deixa claro que esta crítica é também uma interpretação, quando diz que “acontecendo de também isso ser apenas interpretação e vocês se apressarão em objetar isso, não? bem, tanto melhor!”.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, 1979: 143.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, 1992: §22.

<sup>20</sup> *Idem*: §22.

È nesse sentido de nova interpretação que se reconhece os traços da genealogia de Nietzsche no trabalho de Foucault. Sobretudo quando se segue o raciocínio que divide seus escritos em três momentos apresentados por Salma Muchail, que segue uma leitura aceita nos círculos que estudam os escritos de Foucault, a seguinte classificação:

no primeiro momento, as publicações principais da década de 60, a saber, *História da loucura na idade clássica* (1961), *O Nascimento da clínica* uma arqueologia do olhar médico (1963), *As palavras e as coisas* uma arqueologia das ciências humanas (1966), a *Arqueologia do saber* (1969). No segundo, os dois grandes livros da década de 70, *Vigiar e punir* nascimento da prisão (1975), *A Vontade de saber* - volume I de *História da Sexualidade* (1976). O terceiro compreende os volumes II e III de *História da Sexualidade*, intitulados *O Uso dos Prazeres* e *o Cuidado de si* (1984)<sup>21</sup>.

O segundo momento é aquele designado como genealogia, o qual tem como eixo temático “a acentuação dos vínculos entre verdade e poder”<sup>22</sup>, ou ainda a articulação entre saber e poder.

Foucault comenta sobre a genealogia, num de seus cursos, ao referir-se aos vários aspectos do conhecimento, abarcados numa pesquisa genealógica,

... chamemos provisoriamente de genealogia o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais.(...) não se trata de modo algum, de opor a unidade abstrata da teoria à multiplicidade concreta dos fatos e classificar o especulativo para lhe opor, em forma de cientificismo, o rigor de um conhecimento sistemático.(...) Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados (...) as genealogias são anti-ciência.(...) Trata-se de uma insurreição do saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizados que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de

---

<sup>21</sup> MUCHAIL, 2001: 8.

<sup>22</sup> *idem*: 8.

uma sociedade como a nossa.(...) são efeitos de poder próprios a um discurso considerado como científico que a genealogia deve combater.<sup>23</sup>

Essa explicação de Foucault sobre o que exatamente ele buscou a mais quando redirecionou a questão dos saberes para um enfoque genealógico, pode ser comparada com a explicação de Nietzsche<sup>24</sup> sobre o seu interesse pelo valor da moral. Sobretudo, quando diz que logo ultrapassou a simples questão de buscar a origem do bem e do mal numa causa única e finalista, passando a formular diversas questões, desde as condições em que os valores foram inventados pelo homem até as suas conseqüências em termos de emancipação ou detrimento da própria vida, e, para essa análise, fez a insurreição dos contrários, daquilo que estava renegado como um anti-valor.

Assim, também Foucault vai além da busca sobre as memórias locais que constituíram os saberes e como eles são utilizados nas táticas atuais. Em outras palavras, Foucault está se referindo ao termo **investigação** no sentido da genealogia nietzscheana. Mas, ao ativar saberes considerados anticientíficos, desqualificados, enfim, mostrando sob quais condições (relações de poder) surgem os saberes, Foucault está constituindo, ou colocando as condições para que se constitua uma outra interpretação, diferente da dominante.

Nesse sentido, vê-se que os dois autores foram impulsionados e, talvez por estarem **engajados** na tendência niilista, escolheram a busca genealógica, absorvida no processo genealógico não por opção, mas por necessidade do presente.

---

<sup>23</sup> FOUCAULT, 1979: 171.

<sup>24</sup> cf.: NIETZSCHE, 1998: Prólogo, §3.

Com a genealogia foi possível que Foucault não apenas descrevesse, ou identificasse os saberes próprios de certos períodos, mas, segundo Salma Muchail, foi possível a ele

...explicitar de que maneira o surgimento e o funcionamento, as transformações e o desaparecimento de saberes qualificados têm correlatos indissociáveis nas práticas sociais; não apenas enunciá-las, mas também denunciar as relações que aquelas regras ou condições de surgimento de “verdades” mantêm, recíproca e circularmente, com mecanismo de poder.<sup>25</sup>

É, portanto, a **vontade de poder** o aspecto que melhor representa a ligação entre Nietzsche e Foucault.

Esse traço fica mais claro nas palavras de Scarlett Marton, que faz uma análise específica, intitulada *Foucault leitor de Nietzsche*. A autora mostra a leitura feita por Foucault sobre a genealogia de Nietzsche, a partir do artigo produzido pelo filósofo francês e nominado *Nietzsche, a genealogia e a história*.

Segundo Scarlett Marton, Foucault “é levado a referir-se necessariamente ao que chamamos em Nietzsche de teoria das forças. Nesse artigo a genealogia nietzschiana é entendida como análise da proveniência e história das emergências.”<sup>26</sup> Significa que para Nietzsche a tarefa da genealogia consiste, acima de tudo, na interpretação que pode ser dada às palavras, como conceitos, a lógica, valores, enfim, objetos cujo sentido depende dessa interpretação via genealogia, senão, estariam vazias de significado. E, nessa busca pela proveniência e emergência, estaria presente um efetivar-se de forças. Pois,

---

<sup>25</sup> MUCHAIL, 2001: 09.

<sup>26</sup> MARTON, 1993: 39.

...a emergência diz respeito à entrada em cena de forças, que lutam uma contra outras, apresentando a peça que envolve dominantes e dominados. Dos processos de dominação, nascem idéias de liberdade, a lógica e a diferenciação dos valores; com esses processos, estabelecem-se, pois, sistemas de regras. Em cada inversão de relação, em cada nova dominação, as forças apoderam-se dos sistemas de regras e lhes imprimem nova direção. Assim emergem interpretações diferentes. ‘Então’, afirma Foucault, ‘o vir-a-ser da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história dos conceitos de liberdade ou da vida escética, como emergências de interpretações diferentes. Trata-se de fazê-las aparecer como acontecimentos no teatro dos procedimentos.’<sup>27</sup>

Nota-se que Scarlett Marton salienta a presença da teoria das forças de Nietzsche como um ponto fundamental da interpretação foucaultiana. Trata-se de uma configuração da vontade de poder, a qual Nietzsche atribui a todas as coisas como algo que está “operante em todo acontecer”<sup>28</sup>. É nesse sentido que Foucault vê toda a humanidade como uma constante série de interpretações. Assemelha-se, portanto, a Nietzsche ao explicar que, quando se busca o sentido, causa ou função de algo, se chegará apenas às interpretações resultantes da vontade de poder que entra em cena, e que não necessita de relações causais.

Dessas interpretações surgem certos saberes que nas análises de Foucault estão relacionados à idéia de poder. Embora a relação entre poder e saber será tomada adiante, ela é mencionada aqui a fim de ilustrar que se trata de uma interpretação resultante das análises de Foucault a respeito dos saberes, que foi possível devido ao procedimento genealógico que adotou no segundo momento de seus escritos. Segundo Roberto Machado,

---

<sup>27</sup> MARTON, *op. cit.*: 43.

<sup>28</sup> NIETZSCHE, 1998: II-§12.

...percebemos claramente se abrir um novo caminho para as análises históricas[ de Foucault] sobre os saberes(...) parte de outra questão.(...) explicar o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes,(...) que os situam como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente política. É essa análise dos saberes, que pretende explicar sua existência e suas transformações situando-os como peças de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político, que utilizando um termo nietzscheano Foucault chamará de “genealogia”, para definir o tipo de análise que realiza há alguns anos.<sup>29</sup>

Roberto Machado está se referindo ao segundo momento dos escritos de Foucault, (considerando-se a divisão apresentada por Salma Muchail), período em que a genealogia se efetiva, a partir do livro *Vigiar e Punir*, no qual o próprio Foucault ao expor o objetivo do livro demonstra claramente o sentido da genealogia:

...objetivo deste livro: uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apóia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus feitos e mascara sua exorbitante singularidade.<sup>30</sup>

Segundo Roberto Machado, no bojo das pesquisas de Foucault, e, a partir desse livro, está uma questão central: “o poder e sua importância para a constituição dos saberes”<sup>31</sup>, em outras palavras significa que com a genealogia, Foucault mostra que foram as condições políticas que possibilitaram certos discursos chamados de saberes. Esta questão central é explicitada pelo próprio Foucault que a apresenta ao se referir aos três modelos de tecnologias do poder de punir na forma de uma questão que é central para entender a genealogia que se processa com seu livro de 1975:

---

<sup>29</sup> MACHADO, 1981: 187.

<sup>30</sup> FOUCAULT, 1987: .23.

<sup>31</sup> MACHADO, *op. cit*: 188.

O problema é então o seguinte: como é possível que o terceiro se tenha finalmente imposto? Como o modelo coercivo, corporal, solitário, secreto, do poder de punir substituiu o modelo representativo, cênico, significativo, público, coletivo? Por que o exercício físico da punição (e que não é suplício) substituiu, com a prisão que é seu suporte institucional, o jogo social dos sinais de castigo, e da festa bastarda que os fazia circular?<sup>32</sup>

Foucault parte de algo do presente, a prisão, e se lança na busca de suas origens como pertencentes a um modo de exercício de poder que produz saberes sobre os indivíduos, aspecto que pode ficar mais claro nas palavras de Salma Muchail:

Assim, o livro *Vigiar e punir*, por exemplo, faz ver de que modo, em diferentes sociedades historicamente descritas, práticas sociais judiciárias como inquérito ou exame estão vinculadas a tipos diferentes de poder a soberania e a disciplina e articuladas a diferentes configurações de saberes o das ciências da natureza e o das ciências humanas; e, como direção final, o livro diagnostica as articulações entre exame. A disciplina e as ciências humanas na produção dos mesmos efeitos de “normalização” dos indivíduos e de vigilância social na sociedade moderna que ainda é nossa.(...) em suma (...), as análises genealógicas acrescentam-lhe as articulações com exercícios de poderes e conduzem a descrição destas produções historicamente ocorridas na direção da nossa atualidade.<sup>33</sup>

Salma Muchail comenta sobre alguns dos mecanismos de poder (exame, vigilância etc.) para descrever as circunstâncias nas quais nasceram alguns dos saberes próprios da sociedade moderna<sup>34</sup>. A análise do poder via genealogia permitiu que Foucault olhasse por outra perspectiva as teorias do poder, que não recaem numa teoria na qual o poder significa repressão. Pois Foucault rejeita a teoria da “soma zero” para o poder, a qual diz

---

<sup>32</sup> FOUCAULT. 1987: 108.

<sup>33</sup> MUCHAIL, 2001 : .9-10.

<sup>34</sup> Embora seja o tema poder venha a ser desenvolvido na seqüência, pois é um componente central desta análise.

...que o poder é *mercadoria rara*, que só podemos possuir às *custas* de outra pessoa. Ou ainda: que o poder que possuo é a contrapartida do fato de que alguém não o possui (...) Se X tem o poder, é preciso que em algum lugar haja um ou vários Y que sejam desprovidos de tal poder.<sup>35</sup>

Em suma, na concepção de Foucault, significa que o poder não existe em si como um ente, como algo que se adquire ou se deixa escapar. Trata-se do “nome atribuído a um conjunto de relações que formigam por toda parte na espessura do corpo social.”<sup>36</sup>

Completando, por fim, a noção de genealogia para Foucault, bem como suas raízes nietzscheanas, a contribuição de outro estudioso torna-se relevante. Segundo Escobar, “a genealogia não é um método, pois todo método pressupõe um Ser, um trabalho de identidade”.<sup>37</sup>

A relevância dessa observação de Escobar a respeito da genealogia, está em frisar que não sendo um método, por ser mais esclarecida ainda, pode ser considerada uma estratégia. Assim, a questão da vontade de poder de Nietzsche aparece intrínseca nestas características.

Essa abordagem sucinta da genealogia de Nietzsche absorvida nos escritos de Foucault leva a concluir que, em Foucault, não se trata de uma concepção de genealogia diferente daquela presente nas obras de Nietzsche. Enquanto Nietzsche constrói um solo próprio formulando questões que partem em busca desde a origem, até o valor da “moral”, Foucault, sobretudo quando questiona a prisão, utiliza as

---

<sup>35</sup> LEBRUN, 1999: 18

<sup>36</sup> LEBRUN, *op. cit.*: .20. Sobre este aspecto, também se trará a contribuição de outros comentadores de Foucault. Entretanto, neste momento, esta teoria sobre o poder apenas aparece como um exemplo do resultado das pesquisas de caráter genealógico de Foucault.

<sup>37</sup> ESCOBAR, 1984: 9.

mesmas formulações para submeter “as verdades dos saberes” a um processo genealógico que não se configura como um “método” para conhecer a verdade, mas como um meio de trazer uma multiplicidade de interpretações que se pretendem verdadeiras.

Ainda um aspecto comum que surge nas interpretações dos filósofos diz respeito à denúncia ao “amolecimento do homem moderno”. Tanto a moral vigente estudada por Nietzsche como a disciplina aplicada nas práticas sociais analisadas por Foucault, são fatos que resultaram numa condição para o homem moderno que o impele para uma “atividade maquinal” associada às “pequenas alegrias”. Pois,

a atividade maquinal e o que dela é próprio a absoluta regularidade, a obediência pontual e impensada, o modo de vida fixado uma vez por todas, o preenchimento do tempo, uma certa permissão, mesmo educação para a “impessoalidade”, para o esquecimento de si (...) uma *pequena alegria* que seja de fácil obtenção e possa ser tornada regra; (...) A forma mais freqüente em que a alegria é assim prescrita como meio de cura é a alegria de causar alegrias (...) a felicidade da “pequena superioridade”.<sup>38</sup>

Dessa circunstância do homem moderno apontado por Nietzsche, é que se pode dizer que se configura a sua perspectiva da Moral do rebanho. E, decorrente dos mecanismos disciplinares apontados por Foucault (a serem expostos no capítulo II), se configura a sociedade disciplinar. Em ambos a vontade de poder está presente, mesmo que mínima na moral de rebanho, e muito forte na relação saber-poder. Assim, muitas convergências ainda poderiam ser apontadas a partir de uma série de comparações de fragmentos das obras desses filósofos. Mas, para o propósito que se estabeleceu neste momento, entendeu-se como suficiente

---

<sup>38</sup> NIETZSCHE, 1998: III- §18.

apresentar a concepção de genealogia em Nietzsche, permeando os sentidos dos termos que lhe são elementares, interpretação, investigação e engajamento, que fazem da genealogia um procedimento prático. Apontar para a presença desses aspectos na genealogia elaborada por Foucault é fundamental para a compreensão da gênese da relação poder-saber.

### **1.2.1 A Gênese da Relação Saber-Poder nas Análises Foucaultianas**

As relações entre poder e saber se configuram no pensamento de Foucault como um tema central e também como um pressuposto teórico para compreensão de outros temas, como, por exemplo, do sujeito constituído.

Captar a concepção da noção poder-saber nas obras de Foucault, no entanto, requer um empreendimento detalhado, cuidadoso e acima de tudo desenvolvido com perspicácia, porque os termos desta relação (poder e saber) se constituem mutuamente. A relação entre saber e poder não se configura como uma teoria geral com aspectos metafísicos e, também, não é amparada por nenhuma outra teoria para ser compreendida. Portanto, existe Uma certa dificuldade em apreender essa concepção, reconhecido pelo próprio Foucault. Segundo ele,

...essa camada de objetos, melhor, essa camada de relações, é difícil de apreender; e como não se tem teoria geral para apreendê-las, eu sou, se vocês quiserem, um empirista cego, isto quer dizer que estou na pior das situações. Não tenho teoria geral e tampouco instrumentos seguros.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> FOUCAULT, 2002a: 331.

Apesar da circunstância insegura apontada por Foucault, ele elabora sua tese a respeito da relação entre **poder** e **saber**, que em síntese significa “que o poder produz saber (...) que não há relação de poder sem constituição correlata com um campo de saber”.<sup>40</sup>

Nota-se, portanto, que os saberes se produzem num feixe de relações de poder, das quais também podem ser constituintes. No comentário Foucault afirma:

não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento.<sup>41</sup>

Sobre o aspecto das relações de poder-saber, Roberto Machado expõe claramente algumas idéias de Foucault, ao escrever:

todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios do saber. A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relação de poder que lhes constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político. E isso não porque cai nas malhas do Estado, é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder. O fundamental da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber.<sup>42</sup>

Nesse sentido, poder e saber podem ser considerados numa relação dialética. Exemplos clássicos das análises realizadas por Foucault que apontam

---

<sup>40</sup>FOUCAULT, 1987: 27.

<sup>41</sup>FOUCAULT, *op. cit.*: 27.

<sup>42</sup>MACHADO, *in.* FOUCAULT, 1979: XXI.

para a tese de que todo saber tem sua gênese nas relações de poder, encontram-se em *Vigiar e Punir* (1975). Trata-se do texto que melhor representa o procedimento genealógico prático utilizado por Foucault. Embora, seu interesse pela genealogia tenha se manifestado, já em 1971 com a elaboração do texto *Nietzsche, a genealogia e a história* e, em 1973, Foucault profere algumas conferências na PUC-RJ, nas quais se tem claramente da relação saber-poder uma abordagem genealógica. As conferências foram publicadas posteriormente no livro intitulado *A verdade e as Formas Jurídicas*. Contudo, os estudiosos de Foucault consideram apenas os livros *Vigiar e punir* (1975) e *A Vontade de saber* (1976) como grandes marcos desse tema, dando a importância adequada àqueles textos. Roberto Machado afirma algo correspondente a essa questão:

parece-me, em suma, que a mutação assinalada por livros como *Vigiar e Punir*, de 1975, e *A Vontade de Saber*, de 1976, primeiro volume da *História da Sexualidade*, foi a introdução nas análises históricas da questão do poder como um instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes. Mas é preciso não se equivocar e se arriscar a nada compreender das investigações mais recentes desta genealogia: não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação.<sup>43</sup>

Também, MERQUIOR (1985) comenta sobre essa nova concepção de Foucault a respeito de saber-poder, sobretudo, em relação ao de poder:

A teoria das práticas discursivas em *Arqueologia do saber* e em *L'Ordre du discours* permanecia presa a uma concepção de poder demasiado negativa, que detacava a coerção, a proibição e a exclusão. Depois de *Vigiar e Punir*, Foucault mudou seu

---

<sup>43</sup> MACHADO, IN FOUCAULT, 1979: X.

foco. Agora advertia: ‘ *Temos de deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “censura”, “recalca”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.* (...) a causa do poder é sua capacidade de fazer algo mais do que repressão, tanto quanto a causa de sobrevivência da prisão é uma capacidade de fazer algo mais do que malograr em impedir o crime.<sup>44</sup>

A interdependência desses conceitos se faz num feixe de relações em que o poder ultrapassa a função de reprimir, passando a instituir saberes sobre peculiaridades do indivíduo, sobre seu comportamento; são dados que passam a ter força no seu controle, e nesse sentido também poder sobre ele.

Essas idéias são expostas por meio das análises históricas que Foucault realizou sobre os hospícios, a loucura, a medicina, as prisões, a sexualidade, o policiamento, sobretudo, “a questão do poder se espraia, pois, ao longo de todas essas análises, forma um só todo com elas, é-lhes imanente e, por isso mesmo, é-lhes indissociável.”<sup>45</sup>

Assim, embora não haja possibilidade de tomar o termo poder de forma totalmente desvinculada do saber, é possível lançar um olhar para essa relação e identificar os delineamentos que configuram o poder na perspectiva apontada no bojo das análises de Foucault, que mostra o poder como **formas de exercício de poder**.

Ciente também, de que a questão do poder é uma problemática que não poderia ser inserida “a qualquer preço numa coerência, numa continuidade linear e

---

<sup>44</sup> MERQUIOR, 1985: 166-67.

<sup>45</sup> FOUCAULT, 2002a: 331.

sem falhas”<sup>46</sup>, é importante trazer os aspectos mais emblemáticos da concepção de poder.

### 1.2.2 A Concepção de Poder como um “Exercício”

Para a fundamentação da concepção de poder tomada por Foucault, as análises publicadas na *Microfísica do poder* e *Vigiar e punir* são primordiais, bem como *A verdade e as formas jurídicas* e os textos de comentadores já mencionados no início deste capítulo, com destaque para *A genealogia do poder*, de Roberto Machado.

Esta leitura terá seu ponto de partida nas análises foucaultianas sobre algumas práticas sociais e suas respectivas mudanças, sobretudo, as mudanças no método de punição na Europa nos últimos 300 anos. Verifica-se que a forma própria do século XVII e XVIII, o suplício, corresponde a uma forma de exercício de poder diferente do exercício de poder que se exerceu nas prisões a partir do século XIX.

O poder concentrado no ritual do suplício tivesse o **corpo** do supliciado como alvo, embora o ritual tinha como intenção primeira restabelecer o poder do rei que havia sido afetado com o crime, visto que esse corpo fazia parte do corpo do rei. Com o surgimento da prisão, no entanto, o poder passa a ter uma relação imbricada com os saberes.

Foucault inicia a abordagem sobre formas de exercícios em *Vigiar e Punir*, partindo da investigação sobre uma mudança do método da punição ocorrida entre o fim do século XVIII e início do XIX, a saber, do suplício para a prisão.

---

<sup>46</sup> FOUCAULT, 2002a: 331.

O suplício praticado até final do século XVIII é tomado por Foucault a partir da análise do corpo do Rei mencionado por ele para mostrar que nesse método de punição estava presente a idéia de poder, mas na forma de uma relação intrínseca com o saber, como vai se ter com o evento da prisão. Segundo esta análise,

organizam-se uma iconografia, uma teoria política da monarquia, mecanismos jurídicos que ao mesmo tempo distinguem e ligam a pessoa do rei e as exigências da Coroa, e todo um ritual que encontra na coroação, nos funerais, nas cerimônias de submissão, seus tempos mais fortes. Poderíamos imaginar no pólo oposto do corpo do condenado; ele também tem seu estatuto jurídico; reclama seu cerimonial e impõe todo um discurso teórico, não para fundamentar o “mais poder” que afetava a pessoa do soberano, mas para codificar o “menos poder” que marca os que são submetidos a uma punição. Na região mais sombria do campo político, o condenado desenha a figura simétrica e invertida do rei.<sup>47</sup>

Portanto, o suplício apesar de exercer um domínio sobre o corpo do condenado, tratando-se de uma pena corporal, dolorosa, em que as circunstâncias que envolviam o acusado faziam variar as modalidades de morte<sup>48</sup>, não lhe retirava a sua individualidade, ou melhor, sua subjetividade.

Foucault mostra a centralidade do poder sobre o corpo, seja do rei, seja do condenado, tratado sob a perspectiva do “corpo político” como conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas (...) para as relações de

---

<sup>47</sup> FOUCAULT, M. 1987: 28.

<sup>48</sup> *cf.*: J.A Soulatges. *Traité des crimes*, 1762, I, p.169-171 In FOUCAULT, *op.cit.* Foucault descreve a ordenação de 1670, que regeu até a Revolução, as formas gerais da prática penal. Foucault transcreve a hierarquia dos castigos e as modalidades de morte: “ A pena de morte natural compreende todos os tipos de morte: uns podem ser condenados à forca, outros a ter a mão ou a língua cortada ou furada e ser enforcado em seguida; outros, por crimes mais graves, a ser arrebatados até a morte natural, outros a ser estrangulados e em seguida arrebatados, outros a ser queimados vivos, outros a ser queimados e depois estrangulados; outros a ter a língua cortada ou furada, e em seguida queimados vivos; outros a ser puxados por quatro cavalos, outros a ter a cabeça cortada, outros enfim a ter a cabeça quebrada” (FOUCAULT, *op.cit.*, p.30)

poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber”<sup>49</sup>. Assim, as práticas penais correspondem a partes (peças) desse “corpo político”, e não apenas a resultados e teorias jurídicas.

FOUCAULT define o suplício como algo talvez inexplicável, mas não como algo irregular e irracional, pois obedece a critérios que avaliam a dor com regras detalhadas, que correlaciona todos os dados do suplicante para avaliar o nível de sofrimento, preocupa-se com aspectos que marquem a memória dos homens sobre o condenado após a sua morte, enfim, trata-se de “uma técnica e não deve ser equiparado aos extremos de uma raiva sem lei”<sup>50</sup> pois “nos ‘excessos’ dos suplícios, se investe toda a economia do poder”<sup>51</sup>

A função jurídico-política do suplício estava em restaurar o poder dos soberanos sobre seus súditos. O exercício de poder sobre o corpo era a forma de vingança do rei contra aquele que o atingiu por meio do crime, pois a lei era extensão da vontade do rei, assim como o súdito também era uma extensão do corpo do rei. E, ainda nessa época, a morte do condenado e a conseqüente perda de seu corpo não eram colocadas em questão, pois não afetavam os interesses econômicos, como se verá um século mais tarde. Ao contrário, a morte via suplício era quase que banalizada comparada às mortes causadas pelas grandes epidemias. Pois,

não há dúvida de que a existência dos suplícios se ligava a alguma coisa bem diferente dessa organização interna.(...) ver aí o efeito de um regime e produção em

---

<sup>49</sup> FOUCAULT, 1987: 27.

<sup>50</sup> FOUCAULT, 1987: . 31.

<sup>51</sup> FOUCAULT, 1987: 32.

que as forças de trabalho, e, portanto o corpo humano, não têm a utilidade e o valor de mercado que lhes serão conferidos numa sociedade de tipo industrial. É certo também que o 'desprezo 'pelo corpo se refere a uma atitude geral em relação a morte; e nessa atitude, poder-se ia tanto os valores próprios ao cristianismo quanto uma situação demográfica e de certo modo biológica: as devastações da doença e da fome, os morticínios das epidemias, a enorme mortalidade infantil, a precariedade dos equilíbrios bioeconômicos- tudo isso tornava a morte familiar e provocava em torno dela rituais para integrá-la, torná-la aceitável e dar sentido à sua agressão permanente."<sup>52</sup>

Resgatando, portanto, os aspectos essenciais do suplício que o definem como uma forma de exercício de poder, torna-se clara a mudança que se seguirá a ele.

### **1.2.2.1 As mudanças dos métodos punitivos**

As mudanças nos métodos punitivos que mais chamaram a atenção de Foucault têm lugar na passagem do período em que os suplícios mantinham uma relação entre castigo e corpo, ou seja, em que os métodos de punição tinham, ainda, uma meta direcionada ao corpo, para a época moderna, na qual os métodos de punição castigam com menos intensidade o corpo, atingindo, no entanto, com maior intensidade a alma do condenado.

Foucault admite que a mudança do método de punir, embora amenize as dores do suplício e prive a sociedade do espetáculo da sua apresentação, permite por outros mecanismos dominar o corpo com maior eficácia. Isto porque, o novo método, que tem na prisão seu suporte institucional, visa dominar o corpo e a

---

<sup>52</sup> FOUCAULT, 1987: 46-47.

subjetividade, tornando-os elementos de uma ferramenta fundamental para constituir o modelo sóciopolítico-econômico da época. Pode-se verificar a problematização desse tema, quando Foucault expressa uma de suas indagações:

Punições menos diretamente físicas, uma certa discricção na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação, merecerá tudo isso acaso um tratamento a parte, sendo apenas o efeito sem dúvida de novos arranjos com maior profundidade?(...) O cerimonial da pena vai sendo obliterado e passa a ser apenas um novo ato de procedimento ou de administração.(...) Não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não o corpo propriamente."<sup>53</sup>

Nota-se que o autor foi levado a investigar até onde chegam os efeitos de um poder que consegue esconder suas propriedades e sua relação com os saberes. Apesar do aspecto do suplício que o configura como uma forma de exercício de poder que não está relacionada com o saber, ele foi trazido para mostrar em que sentido as mudanças no modo de punição que ocorreram a partir do século XIX, apontam uma questão de novos interesses e saberes que surgem no final século XVIII e início do século XIX. Momento em que entra em cena a relação saber-poder que envolve a sociedade de modo geral, apresentando um outro tipo de saber, diferente, por exemplo, daquele apontado na obra de John Locke que se configurava como uma teoria paradigmática, metodológica e criticamente consciente sobre o intelecto humano, e também não se restringindo à função jurídico-política, tal como a do suplício.

Foucault localiza essa relação, em especial, quando se refere ao sistema jurídico de sua (nossa) época, ao dizer que:

---

<sup>53</sup> FOUCAULT, 1987: 12-14.

A justiça criminal hoje em dia só funciona e só se justifica por essa perpétua referência a outra coisa que não é ela mesma, por essa incessante reinscrição nos sistemas jurídicos. Ela está voltada a essa requalificação pelo saber. Sob a suavidade ampliada dos castigos, podemos então verificar um deslocamento de seu ponto de aplicação; e através desse deslocamento, todo um campo de objetos recentes, todo um novo regime de verdade e uma quantidade de papéis até então inéditos no exercício da justiça criminal. Um saber, técnicas, discursos 'científicos' se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir.<sup>54</sup>

Quando Foucault menciona que a justiça criminal está voltada para uma requalificação pelo saber, encontra-se aí o cerne da relação entre saber e poder. O elemento saber passa a ter lugar na nova forma de punição que não se configura mais no suplício.

Essa mudança de método, que representa também uma mudança de objetivo da punição, pois o crime antes afetava o corpo do rei, passa a afetar a propriedade privada, e é ela que deve ser preservada, acaba fornecendo as possibilidades de produção de saberes que se espraiam nas práticas sociais.

Segundo o filósofo, as mudanças ocorreram da seguinte maneira:

permanece, por conseguinte, um fundo 'suplicante' nos modernos mecanismos da justiça criminal fundo que não está inteiramente sob controle, mas envolvido, cada vez mais amplamente, por uma penalidade do incorporal.(...) O afrouxamento da severidade penal no decorrer dos últimos séculos é um fenômeno bem conhecido dos historiadores do direito. Entretanto, foi visto, durante muito tempo, de forma geral, como se fosse fenômeno quantitativo: menos sofrimento, mais suavidade, mais respeito e "humanidade". Na verdade, tais modificações se fazem concomitantemente ao deslocamento do objeto da ação punitiva. Redução de intensidade? Talvez. Mudança de objetivo, certamente.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> FOUCAULT, 1987: 23.

<sup>55</sup> FOUCAULT, 1987: 15-18.

A mudança de objetivo a que Foucault se refere aponta para vários aspectos, sendo que o mais comum diz respeito ao interesse econômico, especificamente da produção industrial que necessitava da mão-de-obra qualificada por um lado, produtiva, mas, especialmente, por outro, uma mão de obra não perigosa. Suas observações sobre essa política do corpo levam-no a afirmar que se trata de uma política para a própria alma, “pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições.”<sup>56</sup> A ação, portanto, que deverá atingir a subjetividade do indivíduo se efetiva por meio de novos mecanismos disciplinares<sup>57</sup> que, ao mesmo tempo, fornecem os dados para novos saberes sobre este indivíduo.

Com base nos arquivos judiciários, Foucault pôde verificar que já, a partir do século XVII, houve uma diminuição dos crimes mais violentos, prevalecendo os delitos contra a propriedade. Acentuava-se, assim, a passagem de uma criminalidade de sangue para uma de fraude, que se relaciona com o desenvolvimento da produção, geração de riquezas, enfim, com um complexo mecanismo que envolve as relações de propriedade.

Sobre esse novo perfil de crimes é que, no século XVIII, uma nova estratégia para o exercício do poder de castigar se estabelece tanto no sistema judiciário como fora dele, ou seja, no cotidiano das instituições. O exercício de poder de punição se formula nas teorias de direito e projetos que, acentua o autor:

---

<sup>56</sup> FOUCAULT, 1987:18.

<sup>57</sup> A explicação das técnicas disciplinares será exposta no item destinado à abordagem sobre a Disciplina que abordará o Panóptico.

é a retomada política ou filosófica dessa estratégia, com seus objetivos primeiros: fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir. A conjuntura que viu nascer a reforma não é, portanto a de uma nova sensibilidade; mas a de outra política em relação às ilegalidade.<sup>58</sup>

Nota-se que, em verdade, essas mudanças não decorrem de um novo conceito de humanização, mas trata-se de medidas políticas em relação às leis. Mas, a investigação de Foucault centra-se em analisar como as almas dos homens foram construídas mediante um grande sistema de controle exercido por mecanismos de disciplinarização que resultam em saberes sobre o indivíduo submetido à punição. A punição é direcionada para além do corpo do indivíduo, todos os elementos do crime, os conceitos envolvidos, a sua natureza, a qualidade, enfim, fazem com que a própria alma do criminoso passe pela punição. Segundo Foucault,

em suma, tentar estudar a metamorfose dos métodos punitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto. De maneira que, pela análise da suavidade penal como técnica de poder, poderíamos compreender ao mesmo tempo como o homem, a alma, o indivíduo normal ou anormal vieram fazer a dublagem do crime como objetos da intervenção penal; e de que maneira um modo específico de sujeição pôde dar origem ao homem como objeto de saber para um discurso com status “científico”.<sup>59</sup>

A elaboração desses dados necessários sobre uma diversidade de aspectos sobre o crime e o criminoso propicia a produção de um saber de caráter científico a respeito do indivíduo. Trata-se de uma mudança significativa na ordem dos saberes.

---

<sup>58</sup> FOUCAULT, 1987:69-70.

<sup>59</sup> FOUCAULT, 1987: 24.

É uma forma de poder que gera saber, porque é o fato de que se é obrigado a observar e refletir sobre algo que possibilita a geração de um conhecimento sobre esse algo.

O meio que possibilita a elaboração desses dados que geram saberes, são as técnicas disciplinares que exigiram um ambiente propício para que pudessem ser aplicadas. Esse aspecto leva Foucault a elaborar interpretações sobre o nascimento da prisão, proporcionando a visão de uma perspectiva que envolve a relação saber-poder. Foucault conclui que foi um

duplo fundamento- jurídico-econômico por um lado, técnico-disciplinar por outro fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas.(...) Em suma, o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos”.<sup>60</sup>

O fundamento jurídico-econômico referido por Foucault corresponde ao fato de a prisão ser “‘privação da liberdade’. Como não seria a prisão a pena por excelência numa sociedade em que a liberdade é um bem que pertence a todos da mesma maneira (...)?”<sup>61</sup> Assim, a perda da liberdade, segundo Foucault, requer um preço, que se paga com a prisão. Esse castigo, portanto, traz uma clareza jurídica para a prisão.

Sobre o outro fundamento, significa que a Disciplina é o mais típico exercício de poder. A definição de disciplina aparece no bojo das interpretações de Foucault, mas como uma primeira idéia, ela é vista como um “conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. É o poder de individualização que tem o exame como instrumento

---

<sup>60</sup> FOUCAULT, 1987: 196-197.

<sup>61</sup> FOUCAULT, 1987: 196.

fundamental”<sup>62</sup>. Pode-se dizer, portanto, que a disciplina por meio de uma inter-relação com a prisão, fez com que a prisão fosse aceita pela sua obviedade, pois ao encarcerar, transformar. No interior da prisão, as técnicas disciplinares são utilizadas para a construção de corpos dóceis e úteis, em outras palavras, o bom adestramento.

Foucault salienta que a vigilância de alguém (mestre-escola, chefe da oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão) direcionada constantemente sobre os indivíduos exerce um poder que ao mesmo tempo em que vigia, constitui sobre ele um certo saber que fiscaliza seu comportamento diante das regras, “que se ordena em torno da norma, em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer”<sup>63</sup>. Este novo saber que surge, opondo-se ao grande saber do inquérito próprio da Idade Média, que por meio dos testemunhos reatualizava os fatos, o saber da vigilância organizado em torno da norma pelo controle dos indivíduos no decorrer de sua existência, segundo Foucault,

é a base do poder, a forma de saber-poder que vai dar lugar não às grandes ciências de observação como no caso do inquérito, mas ao que chamamos ciências humanas: Psiquiatria, psicologia, Sociologia, etc.<sup>64</sup>

O filósofo deixa transparecer com maior nitidez como se dá a relação entre poder-saber, que por meio do poder da vigilância surgem saberes científicos que fortalecem ainda mais o poder das normas.

---

<sup>62</sup> FOUCAULT, 1979: 107.

<sup>63</sup> FOUCAULT, 1989: 107.

<sup>64</sup> FOUCAULT, 2002b: 88.

Cabe também ressaltar que a política investida no corpo conseguiu e consegue atingir seus objetivos. Porque o corpo está implicado numa situação de sujeição, em que as necessidades passam a ser utilizadas como instrumentos políticos e estratégicos, que são organizados, que conseguem a sujeição não somente pela violência, mas por saberes. Não se trata apenas de saberes biológicos, mas Foucault menciona já no início de sua análise sobre uma “tecnologia política do corpo”<sup>65</sup> que se configura como uma microfísica do poder utilizada, sobretudo, nas instituições sociais por meio das técnicas disciplinares.

A descrição, portanto, desses dispositivos disciplinares utilizados tanto na época analisada por Foucault, como nestes que se apresentam hoje, será o tema central do próximo capítulo.

### **1.2.3 A Produção de Saberes nas Instituições Modernas**

A tese foucaultiana de que todo saber tem sua gênese nas relações de poder e vive-versa encontra-se presente em mais algumas análises do autor, por exemplo, naquelas que se referem às condições de surgimento de algumas instituições no final do século XVIII e início do século XIX, tais como o nascimento do hospital terapêutico, o nascimento da medicina social, da política da saúde do século XVIII, da casa dos loucos, enfim, instituições que produzem seus respectivos saberes, os quais se tornam instrumentos de poder na sociedade daquela da época.

---

<sup>65</sup> *cf. op.cit.*, p. 26 Foucault faz no início do texto uma pequena síntese da sua tese quando expõe que o corpo só se torna útil e dócil quando está num estado de submissão, estado atingido por meios dessa tecnologia do corpo, que nem sempre é fácil de identificar e localizar, mas principalmente o aparelho de estado recorre a ela.

É importante lembrar que a especificidade das pesquisas de Foucault, segundo Roberto Machado,

é a dos mecanismos e técnicas infinitesimais de poder que estão intimamente relacionados com a produção de determinados saberes sobre criminosos, a sexualidade, a doença, a loucura, etc. e analisar como esses micro-poderes, que possuem tecnologia e história específicas, se relacionam com o nível mais geral do poder constituído pelo aparelho de Estado. A análise ascendente que Foucault não só propõe, mas realiza, estuda o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo uma existência própria e formas específicas ao nível mais elementar.<sup>66</sup>

Diante dessa especificidade histórica da pesquisa, Foucault identifica os saberes que nascem de relações de poder e se manifestam com “status científico”, sobretudo, aqueles que se constituíram em “ciências” do homem. E, o que ele constata de comum nas análises tanto do surgimento de instituições como nas mudanças de métodos de punição, foi que os saberes que emergiram dessas circunstâncias só foram possíveis devido às técnicas e aos recursos disciplinares.

Com o efeito dessas mudanças em relação ao novo objetivo das punições, e o surgimento de novos modelos de instituições entre o final do século XVIII e início do século XIX, entrou em cena, como já foi dito, a **disciplina**. Embora a disciplina seja um dos componentes da concepção sobre sociedade disciplinar que será a abordada no próximo capítulo, neste momento aponta-se para a conclusão de Foucault sobre a importância da disciplina para a efetivação da economia capitalista. Pois, “não seria o trabalho, portanto, que teria introduzido as disciplinas, mas, muito

---

<sup>66</sup> MACHADO, in: FOUCAULT, 1979: XV-XVI.

pelo contrário, as disciplinas e as normas que teriam tornado possível o trabalho tal como ele se organizou na economia chamada capitalista.”<sup>67</sup>

Essas novas técnicas e recursos que envolvem vigilância constante, coleta de dados observados sobre um indivíduo que foi diagnosticado, ou como louco, doente, criminoso, pobre, ou até mesmo por ser um soldado, ou um aluno, passam a estabelecer um discurso constituído de novos elementos que formam novos saberes a seu respeito, como, por exemplo, a codificação instrumental do corpo que oferece dados nomatizados. A disciplina, portanto, gera esse poder da norma. Como diz Foucault:

Aparece, através das disciplinas, o poder da Norma. Nova lei da sociedade moderna? Digamos antes que desde o século XVIII ele veio unir-se a outros poderes obrigando-os a novas delimitações; o da Lei, o da Palavra e do Texto, o da Tradição. O Normal se estabelece como coerção no ensino, com a instauração de uma educação estandardizada e a criação das escolas normais; estabelece-se um esforço para criar um corpo médico e um quadro hospitalar da nação capazes de fazer funcionar normas gerais de saúde; estabelece-se na regularização dos processos e dos produtos industriais.<sup>68</sup>

Para ficar mais claro como surge um saber e qual é esse saber a partir de normas disciplinares, resgata-se aqui um dos exemplos analisados por Foucault, em um texto intitulado *A casa dos Loucos*, que trata do saber que se constitui como a verdade médica sobre a doença. Foucault faz uma abordagem a respeito do momento em que a verdade sobre a doença aparece. Segundo Foucault, até o final do século XVIII, era no momento da crise que a verdade da doença aparecia, pois, “A crise, tal como era concebida e exercida, é precisamente o momento em que a

---

<sup>67</sup> FOUCAULT, 2002a: .335.

<sup>68</sup> FOUCAULT, 1987: 153.

natureza da doença sobe à superfície e se deixa ver”<sup>69</sup>. Entretanto, esse momento da crise era acompanhado por um médico que reunia todas as conjunções que lhe davam condições inclusive de intervir para que a crise ocorresse no momento mais propício a ele. Assim, o saber da doença depende do poder do terapeuta. “No pensamento e na prática médica, a crise era ao mesmo tempo fatal, efeito de um ritual e ocasião estratégica.”<sup>70</sup>

Outro exemplo em que o saber depende da manipulação de forças de poder é a verdade jurídica que se produzia por meio do ritual do duelo, no qual “a posição do juiz não era a de um pesquisador tentando descobrir a verdade oculta (...), devia sim organizar a sua produção (...) A verdade era o efeito produzido pela determinação ritual do vencedor.”<sup>71</sup> Portanto, até o final do século XVIII, Foucault constata que:

a verdade aí, não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. Ela não é encontrada mas sim suscitada: produção em vez de apofântica. Ela não se dá por mediação de instrumento, mas sim, provocada por rituais, atraída por meio de ardis, apanhada segundo ocasiões: estratégias e não método. Deste acontecimento que assim se produz impressionando aquele que o buscava, a relação não é do objeto ao sujeito de conhecimento. É uma relação ambígua, reversível, que luta belicosamente por controle, dominação e vitória : uma relação de poder.<sup>72</sup>

Assim, Foucault mostra que esse saber entendido como as verdades decorrentes desses rituais, produzido em meio a relações de poder, é um saber que exerceu fascínio, justamente pela forma elaborada que se constituía nesse ritual de verdade/ prova. Mas, algumas mudanças no início do século XIX levam à produção

---

<sup>69</sup> FOUCAULT, 1979: 114.

<sup>70</sup> FOUCAULT, *op.cit*: 114.

<sup>71</sup> *idem*: 114.

<sup>72</sup> FOUCAULT, 1979: 114-115.

da verdade/ constatação, ou seja, quando o saber surge da prescrição dos sinais e dos testes, um saber a partir do que é visto, registrado, configurando-se como um saber vil que resulta das normas disciplinares necessárias para controlar, por exemplo, “o medo urbano” e assim manter a produção de corpos dóceis e úteis. Pois, segundo Foucault,

esta grande transformação dos procedimentos de saber acompanha as mutações essenciais das sociedades ocidentais: emergência de um poder político sob a forma de Estado, expansão das relações mercantis à escala do globo, estabelecimento das grandes técnicas de produção. (...) nestas modificações do saber não se trata de um sujeito de conhecimento que seria afetado pelas transformações da infra-estrutura. Trata-se sim de formas de poder- e – de - saber que funcionam e se efetivam ao nível da “infra-estrutura” e que dão lugar à relação de conhecimento sujeito-objeto com o nome de saber.<sup>73</sup>

Um nítido exemplo dessa transformação enunciada por Foucault é a função do hospital que, segundo ele, “até pouco tempo o hospital foi um lugar ambíguo: de constatação para uma verdade escondida e de prova para uma verdade a ser produzida”<sup>74</sup>. O autor se refere à transformação ocorrida na produção das verdades médicas, a partir da biologia de Pasteur. Pois,

com a biologia de Pasteur (...) o lugar onde se produzirá a doença será o tubo de ensaio. Mas aí a doença não se efetua numa crise. Reduz-se seu processo a um mecanismo que pode ser aumentado, e se coloca como fenômeno verificável e controlável.(...) a prova se transforma em teste na estrutura técnica do laboratório e na representação do médico.O espaço hospitalar e o saber do médico tinham tido até então o papel de produzir a verdade “crítica” da doença.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> FOUCAULT, 1979: 117.

<sup>74</sup> FOUCAULT, 1979: 118.

<sup>75</sup> FOUCAULT, 1979: 119-20.

Mas, a análise de Foucault se centraliza no momento em que se estabeleceu a função do Hospital psiquiátrico no início do século XIX, quando o louco passou a ser isolado e observado e o médico passou a emitir um discurso sobre a loucura. O poder desse discurso fez surgir a psiquiatria, exemplo que melhor se caracteriza como um saber científico sobre loucura, nascido da relação de poder-saber.

Assim se estabelece a função muito curiosa do hospital psiquiátrico do séc. XIX: lugar de diagnóstico e de classificação, retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta. Mas também espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e submissão. O grande médico do asilo - seja ele Lauret, Charcot ou Kraepelin - é ao mesmo tempo aquele que pode produzir a doença em sua verdade e submete-la, na realidade, pelo poder que sua vontade exerce sobre o próprio doente. Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos-punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações preferenciais entre médicos e alguns de seus doentes, relações de vassalagem, de posse, de domesticidade e às vezes de servidão entre doente e médico tudo isso tinha por função fazer do personagem do médico o “mestre da loucura”; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado.<sup>76</sup>

O poder característico das grandes autoridades da psiquiatria também teve sua repercussão na reorganização do próprio hospital ocorrida no final do século XVIII. Foucault faz esta análise numa de suas conferências que posteriormente foi publicada sob o título *O Nascimento do hospital*, para mostrar que o surgimento do hospital não traz desde início a função de ser terapêutico. Esta função é uma novidade relativamente nova, que data do final daquele século. Pois, até então,

---

<sup>76</sup> FOUCAULT, 1979: 122.

...o hospital que funcionava na Europa desde a Idade Média não era, de modo algum, um meio de cura, não era concebido para curar.(...) era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres, como exclusão e separação.(...) era um morredouro, um lugar onde morrer. E o pessoal hospitalar não era fundamentalmente destinado a cura do doente(...) cuidavam da salvação espiritual mais que material.(...) uma espécie de instrumento misto de exclusão, assistência e transformação espiritual, em que a função médica não aparece.<sup>77</sup>

Nessas condições, provavelmente não seria possível que o hospital contribuísse na produção de verdades sobre as doenças e doente. Sem a prática médica, nada era permitido em termos de organização do saber hospitalar. Pois,

...é a introdução dos mecanismos disciplinares no espaço confuso do hospital que vai possibilitar sua medicalização.(...) A formação de uma medicina hospitalar deve-se, por um lado, á disciplinarização do espaço hospitalar, e, por outro, à transformação, esta época, do saber e da prática médica. (...) A partir do momento em que o hospital é concebido como um instrumento de cura e a distribuição do espaço torna-se instrumento terapêutico, o médico passa a ser o principal responsável pela organização do hospital.<sup>78</sup>

Foucault, ao analisar o nascimento do hospital, identifica o poder do médico na organização de um ambiente que possibilite a cura, pelo fato de serem os principais detentores do saber sobre a loucura. Refere-se aos médicos psiquiatras como os grandes produtores da verdade, assim como era nos asilos, que surgiram no final do século XVIII, como instituições autônomas que se justificavam por terem como objetivo a cura do louco. Neles, a loucura passou a ser vista como um objeto a ser estudado por todos que ali exerciam alguma função, desde o médico, guardiões, pessoas de serviço até oficiais da saúde. Tratava-se de uma estrutura que mantinha uma espécie de hierarquia familiar, em que a verdade sobre a loucura se exaltava

---

<sup>77</sup> FOUCAULT, 1979: 1001-02.

<sup>78</sup> FOUCAULT, 1979: 107-109.

entorno do personagem médico, se expandindo entre outros membros da “família”, que exerciam o controle do louco. Segundo Edmilson Paschoal,

...esse controle, que é um saber sobre o louco e sobre a loucura, pode ser representado pela idéia do diário do asilo, inventado por Cabais: ‘ será mantido um diário onde o quadro de cada doença, os efeitos dos remédios e as aberturas dos cadáveres serão consignados com escrupulosa exatidão. Todos os indivíduos da seção serão nominalmente inscritos nele, através do que a administração poderá apreciar nominalmente seu estado, semana após semana, ou mesmo dia a dia se considerar necessário’.<sup>79</sup>

O exemplo do nascimento do hospital terapêutico vem enfatizar ainda mais a questão das técnicas disciplinares na produção de saberes, pois os indivíduos e a população de modo geral são dados como objetos de saber e alvos de intervenção da medicina, neste caso, graças à tecnologia hospitalar. Esse acontecimento, no entanto, está relacionado com outro objeto de estudo genealógico de Foucault, que trata do nascimento da medicina social, texto também publicado na *Microfísica do poder*.

Sucintamente, basta expor a hipótese de Foucault para essa gênese:

minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> PASCHOAL, 1994, [s.p]

<sup>80</sup> FOUCAULT, 1979: 80.

Realmente Foucault desenvolve suas idéias com argumentos que demonstram a lógica dessa hipótese. Ele analisa três etapas na formação da medicina social: medicina do Estado, medicina urbana e, finalmente, medicina da força de trabalho.

Quanto à medicina do Estado, Foucault vê a Alemanha como o país que desenvolveu “uma prática médica efetivamente centrada na melhoria do nível de saúde da população”<sup>81</sup>. Esta nação implantou uma política médica de um Estado que consistia em: observação rigorosa da morbidade; normalização da prática e do saber médico, organização administrativa para controlar a atividade dos médicos e, por fim, a criação de funcionários médicos nomeados pelo governo com responsabilidade sobre uma região, mediante o exercício da autoridade de seu saber.

Essa análise sobre a medicina do Estado é também um exemplo de como o Estado, como um aparelho, se apropria das relações de poder-saber que estão espalhadas nas micro-relações, e as efetiva com a autoridade que lhe é própria, porém de maneira diferente do poder contido nas micro-relações analisadas por Foucault. Ressaltando que o poder para ele não é algo que vem de cima para baixo, como, por exemplo, o Estado que impõe verdade por meio do seu poder, pois, ao comentar que

...o problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica esteja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade.(...) Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder mas

---

<sup>81</sup> cf.: FOUCAULT, 1979: 83 e seguintes.

desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais funcionam no momento.<sup>82</sup>

É nesse sentido que Foucault desvincula o poder da verdade do Estado como hegemonia que brota dele mesmo; mas visto como um aparelho o Estado pode tornar hegemônica um saber produzido nas de micro-relações, como o exemplo da medicina do Estado.

Segundo Foucault,

com a organização de um saber médico estatal, a normalização da profissão médica, a subordinação dos médicos a uma administração central, e finalmente, a integração de vários médicos em uma organização médica estatal, tem-se uma série de fenômenos inteiramente novos que caracterizam o que pode ser chamada a medicina de Estado.<sup>83</sup>

Outro exemplo dessa situação é a medicina urbana que se deu na França e consistia em três objetivos: analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que no espaço urbano pode provocar doença; controle da circulação das coisas ou dos elementos, essencialmente a água e o ar; organizar planos hidrográficos, esgoto, enfim, trata-se de uma “medicina das coisas: ar, água, decomposições, fermentos; uma medicina das condições de vida e do meio de existência.”<sup>84</sup>. Trata-se do problema da unificação do poder urbano que se colocou no final do século XVIII, houve a necessidade de um corpo urbano que fosse regulamentado por um poder único, devido a razões econômicas (por ser a cidade um local de relações comerciais) e políticas.

---

<sup>82</sup> FOUCAULT, 1979: 14.

<sup>83</sup> FOUCAULT, 1979: 84.

<sup>84</sup> FOUCAULT, 1979:92.

Por fim, tem-se a medicina da força de trabalho, que aparece na Inglaterra visando a medicalização dos pobres e trabalhadores, que mediante a legislação médica contida na “Lei dos pobres” medicalizava toda a população. Curioso é que essa lei obteve reações de grupos da dissidência religiosa que lutaram contra essa medicalização, reivindicando “o direito das pessoas não passarem pela medicina oficial, o direito sobre seu próprio corpo, o direito de viver, de estar doente, de se curar e morrer como quiserem”<sup>85</sup>. Enfim, Foucault diz que

...de maneira geral, pode-se dizer que, diferentemente da medicina urbana francesa e da medicina de Estado da Alemanha do século XVIII, aparece no século XIX e, sobretudo na Inglaterra, uma medicina que é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torna-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas. <sup>86</sup>

Nota-se que todos esses exemplos apontados por Foucault servem para demonstrar as circunstâncias em que surgem os saberes que constituem o que se designa como psiquiatria, medicina social, saber hospitalar, enfim, saberes que estavam relacionados, sobretudo, com a política no século XVIII. E, sobre essa política, Foucault elabora uma outra análise na qual a idéia central está em mostrar que o saber médico permeia a sociedade do século XVIII. Entra-se na nosopolítica<sup>87</sup>, ou seja, não é só o Estado que detém o pólo de iniciativas, “mais do que o resultado de uma iniciativa vertical, aparece, no século XVIII, como um problema de

---

<sup>85</sup> FOUCAULT, 1979:.96.

<sup>86</sup> FOUCAULT, 1979:.97.

<sup>87</sup> *cf.*: FOUCAULT, A política da saúde no século XVIII.In. 1979: 194. Foucault cita o termo “nosopolítica” para explicar que o surgimento da medicina está associado à considerações das doenças e problemas políticos e econômicos. Segundo ele “não há sem dúvida, sociedade que não realize uma certa ‘nosopolítica’.(p.194) trata-se de uma política de que provocou o deslocamento dos problemas de saúde em relação às técnicas de assistência. “ O Estado é também objeto de solicitações às quais resiste.”

origens e direções múltiplas: a saúde de todos como urgência para todos; o estado de saúde de uma população como objetivo geral.”<sup>88</sup>

Essa preocupação em gerir a população decorre de funções do Estado como preparar ordem e paz; administrar as relações com outros países; permitir o enriquecimento tornando a pobreza útil<sup>89</sup>. Contudo, Foucault afirma que “o exercício destas três últimas funções (ordem, enriquecimento, saúde) foi assegurado menos por um aparelho único que por um conjunto de regulamentos e de instituições múltiplas que recebem no século XVIII, o nome de ‘polícia’”.<sup>90</sup> Portanto, a relação saber-poder configurada nestes exemplos de estudos genealógicos realizados por Foucault, foi trazida neste momento, com a intenção de enfatizar a gênese dos saberes com *status* científico. É interessante salientar novamente que a gênese dos saberes não está no sujeito de conhecimento, mas nas circunstâncias que o produzem. Tal fato entra em concordância com Nietzsche, ao se referir a “nós, homens do conhecimento”<sup>91</sup>, ou seja, segundo Foucault somos resultados dos saberes.

Relembrando que esses saberes: a verdade da doença, a verdade jurídica, a verdade sobre o louco, a reorganização do hospital, a medicina social, a política da saúde do século XVIII, enfim, os elementos que constituíram o grande legado das ciências do homem que surgem no século XIX, só foram possíveis devido às técnicas disciplinares, como um “conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. É o poder de

---

<sup>88</sup> FOUCAULT, 1979: 195.

<sup>89</sup> cf. FOUCAULT, 1979: 196 e seguintes.

<sup>90</sup> FOUCAULT, 1979: 197.

<sup>91</sup> NIETZSCHE, 1998, Prólogo, §1.

individualização que tem o exame como instrumento fundamental.” Trata-se, portanto, “do poder ‘disciplinar’ poder que se aplica singularmente aos corpos através de técnicas da vigilância, pelas punições normalizadoras, pela organização panóptica das instituições punitivas”<sup>92</sup>.

Entretanto, as análises de Foucault sobre o poder disciplinar, levaram-no a compreender um outro perfil do poder disciplinar quando ele atinge não só o indivíduo, mas a população. Trata-se de um “poder que se aplica globalmente à população, à vida e aos vivos”<sup>93</sup>, ao qual Foucault designou de **biopoder**.

Para estabelecer a genealogia do biopoder, Foucault consagra o primeiro volume de *História da Sexualidade: a vontade de saber*.(1976). Considera-se importante apontar os delineamentos da genealogia do biopoder, como o último pressuposto teórico necessário para a análise da sociedade disciplinar contemporânea.

#### 1.2.4 O Biopoder nas Relações entre Saber-Poder

Foucault, ao focar o poder que controla a sexualidade na modernidade, o faz sob uma perspectiva que o configura como o poder político que tinha como tarefa gerir a vida, função específica do poder o levou a uma concepção de biopoder.

A função do biopoder está vinculada, sobretudo a um outro deslocamento das atividades socioeconômicas, o capitalismo que, por sua vez, tinha como

---

<sup>92</sup> FOUCAULT, 2002A: 329.

<sup>93</sup> *idem*, p.329.

necessidade produzir forças humanas e fazê-las crescer, ordená-las e canalizá-las em favor da vida, em vez de barrá-la e destruí-la.

Os mecanismos de poder que, a partir dos séculos XVIII e XIX, segundo o autor, “constituem dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações”<sup>94</sup>, fazendo do biopoder um elemento indispensável para o progresso do capitalismo. Trata-se dos mecanismos disciplinares que a partir do séc. XVII se centraram no corpo como máquina, a fim de torná-lo útil e dócil para que integre no sistema econômico de forma eficaz e controlada.

O bio-poder participa desse empreendimento através da disciplina *anátomo-política do corpo humano*. E, sobretudo, a partir da metade do séc. XVIII, quando a visão era de um *corpo-espécie* que tinha como suporte regulador a *bio-política da população*. Como diz Foucault, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida.”<sup>95</sup> A raiz do bio-poder encontra-se numa profunda transformação ocorrida a partir da época clássica, quando o direito de “vida e morte” deixa de pertencer à soberania, e sofre um deslocamento e tende a se apoiar numa estrutura de poder que tem por finalidade gerar e garantir a vida.

De forma gradativa e persistente, as implantações de medidas, registros e controles foram laboriosamente minuciosas, fazendo com que esse poder se exercesse positivamente “ao nível da vida, da raça, da espécie e dos fenômenos maciços da população”.<sup>96</sup> Contudo, cabe esclarecer que esse poder que exerce

---

<sup>94</sup> FOUCAULT, 2001: 131.

<sup>95</sup> FOUCAULT, 2001: 131.

<sup>96</sup> FOUCAULT, 2001: 129.

controle e garantia de vida à população não possui um caráter humanista, ele persiste na “razão de ser do poder e a lógica de seu exercício que tornaram cada vez mais difícil a aplicação da pena de morte. (...) Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte.”<sup>97</sup> Foucault está se referindo a uma nova era do bio-poder, que substituiu a velha potência de morte que simbolizava o poder soberano. Essa nova era ele identificou como um período em que houve

...desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações. Abre-se assim, a era de um “bio-poder”. (...) a filosofia dos “ideólogos” como teoria da idéia, do signo, da gênese individual das sensações e também da composição social dos interesses, a ideologia como doutrina da aprendizagem, mas também do contrato e da formação regulada do corpo social constitui, sem dúvida, o discurso abstrato em que se procurou coordenar as duas técnicas de poder para elaborar a teoria geral.<sup>98</sup>

Nesse contexto do capitalismo industrial, o biopoder se configurou pela articulação entre a disciplina e as biopolíticas como dois conjuntos de técnicas orientadas para a dominação. Enquanto o primeiro eixo se dirigia ao homem-corpo, no cerne da anatomia política que treinava e adaptava os organismos vistos de uma forma mecanizada e ainda percebidos com um corpo individual. O segundo focalizava o homem-espécie, alvo de uma biologia política que regulamentava os fatores vivos da população, percebendo esta como algo que se massifica. Embora cada um dos pólos apresentasse um conjunto específico de mecanismos e

---

<sup>97</sup> IDEM: 130.

<sup>98</sup> FOUCAULT, 2001: 131-132.

dispositivos de poder, ambos constituíam instrumentos de normalização destinados a maximizar as forças humanas com vistas às utilidades.

Foucault caracterizou esse momento como a “era do biopoder”, que teve sua manutenção garantida pelas instituições (médicas, educacionais, administrativa) de poder que mantinham as relações de produção no nível dos processos econômicos, operando como fatores de segregação e hierarquização social, a fim de investir sobre o corpo vivo a valorização da força distributiva, tão fundamental para os interesses econômicos daquele momento. Mas, o que se torna mais relevante para o objetivo aqui proposto, é o fato de que a efetivação desse biopoder só foi possível a partir da entrada dos fenômenos próprios à vida humana na história, mediante a ordem do saber e do poder, visto que segundo Foucault, as vidas humanas são engendradas de diversas formas pelos saberes e poderes que configuram determinada época.

Em tese, Foucault afirma na *História da Sexualidade: vontade de saber*, que toda produção de saber gera um poder capaz de articular formas de controle.

Tanto as conclusões de Foucault sobre as suas análises aqui expostas, quanto essa relação do par saber-poder, bem como a análise do biopoder, funcionaram, até este momento, como suporte para prosseguir nesta análise que tem como alvo as práticas nas quais saber e poder se cruzam, para manter disciplinada a nossa sociedade, sobretudo, a instituição universitária. Essa compreensão sob a luz da perspectiva da genealogia é considerada a partir da colocação de Salma Muchail, ao dizer:

Os escritos histórico-filosóficos de Foucault não somente propiciam a compreensão de nossa sociedade historicamente situada na perspectiva de sua diferença com o que a precede, como ainda desafiam à criação de *dispositivos* capazes de instaurar, no solo do nosso presente, diferenças novas na perspectiva que o poderá suceder.<sup>99</sup>

Seguindo os pressupostos teóricos aqui apresentados, no próximo capítulo pretende-se aprofundar a expressão máxima dessa relação poder-saber, na concepção de Foucault sobre a sociedade disciplinar.

---

<sup>99</sup> MUCHAIL, 2001: 11.

## CAPÍTULO II

### A SOCIEDADE DISCIPLINAR

*A sociedade contemporânea, por razões que explicarei, merece o nome de “sociedade disciplinar”.*

*Michel Foucault*

O intuito deste capítulo é conceituar a sociedade disciplinar, apontando suas condições de surgimento e os recursos aplicados na instauração desse modelo de sociedade que se estabeleceu entre o final do século XVIII e início do século XIX.

As análises de Foucault sobre as instituições sociais, como a escola, o hospital, a prisão, entre outras, têm um papel fundamental no conceito de sociedade disciplinar. Elas mostraram que as instituições se configuram num modelo denominado por ele como disciplinar. Este modelo traz como característica básica a visibilidade projetada para essas estruturas, propiciando uma vigilância constante e, a partir dela, o registro do que é visto. Tal situação se desencadeia por meio de dispositivos de controle numa relação entre saber-poder, voltada para os indivíduos da sociedade.

Segundo Foucault, na sociedade atual os mecanismos de controle e disciplina da relação de força entre saber-poder continuam atuando, sobretudo nas instituições sociais, justamente pela eficiência de seus resultados sobre os indivíduos.

A sociedade disciplinar foi o grande tema analisado pelo autor em alguns de seus escritos, sobretudo, *Vigiar e Punir* (1975), mas, de uma maneira muito clara foi

abordado nas conferências que proferiu em 1973, na PUC do Rio de Janeiro, e que foram agrupadas e publicadas posteriormente. Nesses colóquios, Foucault esclarece ao público: “gostaria que nos situássemos, agora, em fins do século XVIII e início do XIX, no momento em que se constitui o que tentarei analisar nesta e na próxima conferência sob o nome de 'sociedade disciplinar'. A sociedade contemporânea, por razões que explicarei, merece o nome de 'sociedade disciplinar'”.<sup>100</sup>

Assim, para compreender a concepção de Foucault sobre a sociedade disciplinar, é necessário considerar a fundamentação teórica do primeiro capítulo sobre a noção da genealogia e a articulação da relação poder-saber. Critério este, obrigatório para a elaboração da abordagem sobre as condições de surgimento da sociedade disciplinar, a qual se julga ainda hoje se manifestar, sobretudo quando aplica mecanismos de controle e disciplina nas produções das pesquisas acadêmicas. Trata-se do ponto central desta dissertação, a saber, a Plataforma Lattes.

## **2.1 AS CONDIÇÕES DE SURGIMENTO DA SOCIEDADE DISCIPLINAR**

A concepção da sociedade disciplinar criada por Foucault, tem como características fundamentais a organização do espaço e tempo, a vigilância, a registro do comportamento dos indivíduos, a avaliação, sobretudo, por meio do exame. Salma Muchail traz de uma maneira muito objetiva as características da sociedade disciplinar. No seu estudo sobre *O lugar das instituições na sociedade*

---

<sup>100</sup> FOUCAULT, 2002b: 79.

*disciplinar*, a autora toma como referencial teórico, as conferências de 1973, e afirma que a sociedade disciplinar,

caracterizando-se, principalmente como modo de organizar o espaço, de controlar o tempo, de vigiar e registrar continuamente o indivíduo e sua conduta, a sociedade disciplinar deu lugar ao nascimento de determinados saberes (os das chamadas ciências humanas), onde o modelo prioritário de estabelecimento da verdade é o “exame”; pelo “exame”, instaura-se, igualmente um modo de poder onde a sujeição não se faz apenas na forma negativa da repressão, mas sobretudo, ao modo mais sutil do adestramento, da produção positiva de comportamentos que definem o “indivíduo” ou o que “deve” dele ele ser segundo o padrão da “normalidade”.<sup>101</sup>

Esse modelo de sociedade, que tem o poder de controlar o indivíduo e a população, é possibilitado pelo saber que ela mesmo produz, as chamadas “ciências do homem”<sup>102</sup>, aquelas que produzem as positivities, ou seja, saberes que surgem a seu respeito e de seu comportamento a partir do controle de suas atividades vigiadas, foi inspirado numa estrutura arquitetônica criada por Jeremy Bentham (1748-1832), conhecida como Panóptico. A autora diz que “este tipo de sociedade e de poder é perpassado pelo que Foucault denomina ‘panoptismo’”<sup>103</sup>. Foucault, chega a essa denominação, depois de constatar que a sociedade disciplinar decorre de “um fato que tem dois aspectos, dois lados aparentemente contraditórios: a reforma, a reorganização do sistema judiciário e penal nos diversos países da Europa e do Mundo.”<sup>104</sup> Este fato que é analisado pelo genealogista leva-o a

---

<sup>101</sup> MUCHAIL, in: RIBEIRO, 1985: 198.

<sup>102</sup> “Ciências do Homem” ao invés de “ciências humanas” é a expressão denominada por Edmilson Paschoal, porque ressalta o homem como objeto de conhecimento das ciências humanas, papel dado a ele na sociedade disciplinar, diferente se sujeito de conhecimento sobre o homem, como possibilidade de ser interpretado na expressão ciências humanas

<sup>103</sup> MUCHAIL, in RIBEIRO, 1985: 199.

<sup>104</sup> FOUCAULT, 2002b: 79.

constatar que houve uma nova teoria que culminou com os modos contemporâneos relativos às práticas penais.<sup>105</sup>

Surge, portanto, uma nova imagem do criminoso, ou seja, o criminoso passa a ser visto como um rompedor do pacto social, portanto, um inimigo da sociedade, e não mais como um indivíduo que desrespeitou a moral da sociedade e paga pelo seu erro, mas como aquele que ameaça todo o corpo social. Assim, "a lei penal não pode prescrever uma vingança, a redenção de um pecado. (...) A lei penal deve reparar o mal ou impedir que males semelhantes possam ser cometidos contra o corpo social."<sup>106</sup>

Como reflexo desse novo pensamento, as possibilidades de penas passam a ser a deportação, já que a pessoa que quebrou o pacto social deve ser banida desta sociedade, exilada e sentir-se envergonhada. Contudo, trata-se de uma exclusão que pode ser feita no próprio seio da sociedade com a publicação da infração, de modo que a pessoa se sente humilhada e fica marcada pela sociedade. O trabalho forçado pode ser a reparação do dano social forçando o indivíduo a produzir um trabalho útil à sociedade. É a Lei do Talião: mata-se quem matou, tomam-se os bens de quem roubou de forma a reprimir o dano, ou seja, inviabilizando-o.

Foucault analisa particularmente a França e a Inglaterra para mostrar os aspectos contraditórios desse fato e expõe as relações de poder que configuraram

---

<sup>105</sup> Essa reformulação teórica ocorrida no final do século XVIII foi pensada por Beccaria, Bentham, Brissot e legisladores dos códigos penais do Novo Regime Francês. Segundo Foucault, estes revolucionários propunham: dissociar crime ou infração, no sentido penal, da moral religiosa. Pois estes crimes se constituem, exclusivamente, em ruptura com a lei civil explícita; uma vez que o nocivo ao pacto social deve ser repreendido, a lei penal deve se restringir à representação daquilo que é útil à sociedade; e, consoante aos princípios anteriores, assevera-se que o crime é danoso à sociedade, e não um pecado ou falta moral. *cf.* 2002b: 81-82.

<sup>106</sup> FOUCAULT, 2002b: 81-82.

as formas jurídicas desse período, bem como o tipo de saber e de sujeito do conhecimento que sustentavam tais formas jurídicas.

Na França, a forma de exercício de poder aconteceu de maneira um pouco diferente da Inglaterra<sup>107</sup>.Dentre as instituições da polícia francesa se achavam as *lettres-de-cachet*, que eram uma ordem do rei a um indivíduo, obrigando-o a fazer alguma coisa, sendo na maioria das vezes um instrumento de punição. "Ela era um dos grandes instrumentos de poder da monarquia absoluta."<sup>108</sup>

Apesar disso as *lettres-de-cachet* na maioria das vezes não eram enviadas por iniciativa do rei. Na sua maioria eram solicitadas por diversos indivíduos: maridos ultrajados, pais de famílias descontentes, comunidades religiosas incomodadas etc. Estes indivíduos solicitavam aos intendentés do rei uma *lettre-de-cachet* contra uma pessoa, pedido este que passava por um inquérito para averiguar a veracidade da queixa. Quando o pedido era correto solicitavam a emissão ao ministro do rei encarregado do assunto. Dessa forma as *lettres-de-cachet*, instrumentos de arbitrariedade do monarca, se tornam de forma espontânea em instrumento de controle de baixo para cima, que a comunidade exercia sobre si mesma.

Quando a *lettre-de-cachet* assumia caráter punitivo, tinha como resultado a prisão, que não era uma pena no sistema penal francês àquela altura. Era sim punições de condenação à morte, ser queimado, ser esquartejado etc., porque até então estar preso significava estar aguardando a punição. Entretanto, a prisão torna-

---

<sup>107</sup> A França vivia um momento histórico distinto do inglês, esteve imersa no absolutismo monárquico 150 anos a mais que os ingleses, o processo foi bastante diferente. O aparelho judiciário do Estado absolutista francês era apoiado em um instrumento judiciário clássico (os parlamentos, as cortes, etc) e em um instrumento para-judiciário, a polícia, que foi uma invenção francesa

<sup>108</sup> FOUCAULT, 2002b: 96.

se a grande punição do século XIX, substancialmente pela prática judiciária das *lettres-de-cachet*.

Diante dessa retrospectiva histórica, Foucault chega à conclusão de que foram as práticas extrapenais que tornaram possíveis que as grandes teorias de Beccaria e outros pudessem ser esquecidas ou substituídas por uma outra prática jurídica totalmente diferente da planejada.

Contudo, Foucault levanta uma dúvida: "por que o poder ou aqueles que o detinham retomaram esses mecanismos de controle situados ao nível mais baixo da população?"<sup>109</sup>

Ele aponta a resposta a esta questão, primeiramente, como sendo a mudança que sofreu a materialidade da riqueza naquele período. Pois,

a riqueza dos séculos XVI e XVII era essencialmente constituída pela fortuna de terras, por espécies monetárias ou eventualmente por letras de câmbio que os indivíduos podiam trocar. No século XVIII aparece uma forma de riqueza que é agora investida no interior de um novo tipo de materialidade não mais monetária; que é investida em mercadorias, estoques, máquinas, oficinas, matérias-primas, mercadorias que estão para ser expedidas, etc. E o nascimento do capitalismo ou a transformação e aceleração da instalação do capitalismo vai se traduzir neste novo modo da fortuna se investir materialmente.<sup>110</sup>

Assim, com essa nova situação, "toda essa população de gente pobre, de desempregados, de pessoas que procuram trabalho tem agora uma espécie de contato direto com a riqueza."<sup>111</sup> Daí a necessidade de se implantarem mecanismos de controle sobre essa nova forma de fortuna, ou seja, por meio de técnicas e

---

<sup>109</sup> FOUCAULT, 2002b: 100.

<sup>110</sup> FOUCAULT, 2002b: 100.

<sup>111</sup> FOUCAULT, 2002b: 100-101

recursos disciplinares, sobretudo o exame por ter a função de trazer a “verdade” confortante para o homem moderno.

Na Inglaterra, o sistema de sociedade disciplinar é percebido por Foucault, ao fazer a análise de associações que surgiram e que apresentaram três deslocamentos bem peculiares.

Trata-se, primeiramente dos movimentos populares ligados a grupos religiosos que tinham como objetivo se organizar para suprimir os vícios. Estes grupos estavam ancorados nos princípios morais e se constituíam no nível mais baixo da sociedade. Respondiam pela sua comunidade perante um fiscal, e assim mantinham o controle. Porém na sua análise, Foucault conclui que em verdade, o que se queria era escapar ao poder político, à legislação penal, ainda muito rígida. Pois, no início do século XVIII, quase 300 casos previstos em lei eram passíveis de enforcamento. Ou seja, "este esforço de penalidade autônoma era uma maneira de escapar à penalidade estatal."<sup>112</sup> Depois surgem sociedades encarregadas de suprimir o mal, já um pouco mais distantes da dos grupos religiosos, mas ainda sobre o controle deles. Contudo, um outro deslocamento acontece, o controle desses movimentos passam para as mãos da classe burguesa e aristocrata, que não visa mais a um controle em função de um plano moral, mas sim, penal. Esse controle "se torna assim um instrumento de poder das classes ricas sobre as classes pobres, das classes que exploram sobre as classes exploradas (...)."<sup>113</sup> Esse deslocamento decorre da ameaça de revolta das classes populares e exploradas. É a questão do medo urbano que está presente. Formam-se assim os grupos de

---

<sup>112</sup> FOUCAULT, 2002b: 93.

<sup>113</sup> FOUCAULT, 2002b: .94.

caráter pára-militar, como a Infantaria Militar de Londres, a Companhia de Artilharia etc.

Foucault ainda aponta para uma segunda razão para o controle social mais efetivo no final do século XVIII. Corresponde ao fato de que, tanto na França quanto na Inglaterra, a propriedade de terras vai sofrer mudanças na sua forma. Com a multiplicação das pequenas propriedades e sua delimitação desaparecem os grandes espaços desertos ou pouco cultivados e ainda as propriedades comuns em que todos podiam cultivar e viver. Conseqüentemente essas pequenas propriedades vão sofrer uma série de depredações, sendo que inclusive "um dos grandes problemas da revolução Francesa foi de fazer desaparecer este tipo de rapina camponesa. (...) Foi, portanto essa nova divisão espacial e social da riqueza industrial e agrícola que tornou necessários novos controles sociais no fim do século XVIII."<sup>114</sup> Trata-se de uma divisão social que se fez pela governamentabilidade que pretendia controlar pelo viés da moralização.

Todavia, o início do século XIX consolida algo inédito: a prisão, como prática penal. Esta modalidade, exterior ao projeto de aplicação de penas do final do século XVIII e que se difundiu no século XIX, diverge do que havia sido projetado pelos reformuladores da teoria. As práticas penais revolucionárias do Novo Regime caíram em desuso com a ascensão da prisão. Nela, a penalização do século XIX se transforma em controle nem tanto para verificar se as ações cometidas estão de acordo ou não com a lei, mas no âmbito do que os indivíduos podem fazer,<sup>115</sup> no sentido de sua periculosidade. Pois,

---

<sup>114</sup> FOUCAULT, 2002b: 01-102.

<sup>115</sup> cf. FOUCAULT, 2002bp 85.

a grande noção da criminologia e da penalidade em fins do século XIX foi a escandalosa noção, em termos de teoria penal, de periculosidade. A noção de periculosidade significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos; não ao nível das infrações efetivas a uma lei efetiva, mas das virtualidades de comportamento que elas representam. O último ponto capital que a teoria penal coloca em questão ainda mais fortemente do que Beccaria é que, para assegurar o controle dos indivíduos — que não é mais reação penal ao que eles fizeram, mas controle de seu comportamento no momento mesmo em que ele se esboça — a instituição não pode mais estar inteiramente em mãos de um poder autônomo: o poder judiciário.<sup>116</sup>

Esse novo modelo jurídico descentralizou a instrução penal da exclusividade do poder jurídico, para uma multiplicidade paralela de outros poderes de vigilância, como a polícia, e de correção, como as clínicas psicológicas, médicas, instituições pedagógicas etc. Assim, amplia-se o conceito de governar, que de uma prática que já estava sendo estendida por diversos papéis sociais, como o “pai de família, o superior do convento, o pedagogo e o professor em relação à criança e ao discípulo,”<sup>117</sup> passa, por meio da disciplina, a gerir a população tendo as instituições como instrumento nessa nova forma de ‘governamentabilidade’. Portanto, a prisão é tomada aqui como um dos exemplos que suporta a idéia dessa nova forma de controle da população.

Sobre essa questão da nova forma de ‘governamentabilidade’, que se torna central, principalmente quanto às técnicas e aos recursos utilizados nas instituições que passam a exercer uma forma de poder específica e um conjunto de saberes, é importante apontar para suas fontes inspiradoras.

Para Foucault, o tempo que enfatiza a correção, o controle social, é a “idade da ortopedia social”, sob a idéia do Panóptico de Jeremy Bentham:

---

<sup>116</sup> FOUCAULT, 2002b: 85.

<sup>117</sup> FOUCAULT, 1979: 280.

O *Panopticon* era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando a sua loucura, etc. Na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; não havia nela nenhum ponto de sombra e, por conseguinte, tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar de um vigilante que o observava através de venezianas, de postigos semi-cerrados de modo a poder ver tudo sem que ninguém ao contrário pudesse vê-lo. Para Bentham esta pequena e maravilhosa astúcia arquitetônica podia ser utilizada por uma série de instituições. O *Panopticon* é a utopia de uma sociedade e de um tipo de poder que é, no fundo, a sociedade que atualmente conhecemos — utopia que efetivamente se realizou. Este tipo de poder pode perfeitamente receber o nome de panoptismo. Vivemos em uma sociedade onde reina o panoptismo.<sup>118</sup>

No entanto, um dos primeiros exemplos dessa visibilidade isolante aconteceu antes de Bentham criar o panóptico, trata-se da proposta para os dormitórios da Escola Militar de Paris, em 1751, onde “cada aluno devia dispor de uma cela envidraçada onde ele podia ser visto durante a noite sem ter nenhum contato com seus colegas, nem mesmo com os empregados”<sup>119</sup>. Nessa escola, outras situações foram observadas pelo irmão de Bentham que a visitou. Também outras situações já manifestavam o efeito da visibilidade e, sobretudo, “a existência de um ponto central que deve ser o local de exercício de poder e, ao mesmo tempo, o lugar do registro do saber”<sup>120</sup>. Entretanto, para Foucault,

...se a idéia do panopticon é anterior a Bentham, na verdade foi Bentham que a formulou. E batizou. A própria palavra “panopticon” é fundamental. Designa um princípio de conjunto. Sendo assim, Bentham não imaginou simplesmente uma figura arquitetural destinada a resolver um problema específico, como o da prisão, o da escola, ou dos hospitais. Ele anuncia uma verdadeira invenção que ele diz ser o “ovo

---

<sup>118</sup> FOUCAULT, 2002b: 87.

<sup>119</sup> FOUCAULT, 1979: 210.

<sup>120</sup> FOUCAULT, 1979: 211.

de Colombo". E, na verdade, é aquilo que os médicos, os penalistas, os industriais,, os educadores, procuravam que Bentham lhes propõe: ele descobriu uma tecnologia de poder própria para resolver os problemas de vigilância.<sup>121</sup>

Segundo Foucault, no início da Idade Moderna vive-se em uma sociedade panóptica, não mais pautada, como na Idade Média no inquérito, mas na vigilância, no exame. Não se trata mais de inquirir para reconstituir um evento passado, mas de vigiar, examinar permanentemente os indivíduos, para saber como se conduzem, se são normais ou não. E, segundo o autor, ainda se vive nesse modelo de sociedade, porém, os procedimentos do poder colocados em prática se diversificaram, multiplicaram-se e se sofisticaram.

Com essa breve síntese do contexto histórico-político-econômico analisado por Foucault, têm-se as condições e circunstâncias que, na sua visão, deram origem, no final do século XVIII, à sociedade disciplinar, ou seja, a tomada pelo poder estatal dos mecanismos de controle social de origem popular, fato que foi possível devido ao que Foucault denominou de panoptismo.

Prossegue-se, portanto, com o intuito de mostrar o princípio geral sob o qual foi possível o estabelecimento do modelo de sociedade disciplinar também chamada de panóptica, a saber, a sociedade da vigilância.

---

<sup>121</sup> FOUCAULT, 1979: 211.

## 2.2 A VIGILÂNCIA: Característica Básica da Sociedade Disciplinar

Na 5ª Conferência Michel Foucault analisa a maneira como foi institucionalizada a sociedade disciplinar, ou seja, por meio do que denominou de “um ‘dispositivo’ articulador das relações entre produção de saberes e modos de exercício de poder”<sup>122</sup> que tem como elementos constitutivos as instituições disciplinares baseadas no panoptismo. Trata-se das fábricas, hospitais, escolas, casas de correção, prisões etc.

Segundo Foucault, o panoptismo é um dos traços característicos da nossa sociedade, no que diz respeito ao princípio geral da vigilância, que tem como instrumento o controle dos corpos em função do tempo. Embora Foucault não analise todas as instituições em que são atualizadas as características do panoptismo, próprias a sociedade moderna, industrial e capitalista, o que ele pretende é,

...apreender este panoptismo, essa vigilância na base, no lugar em que aparece talvez menos claramente, em que está mais afastado do centro da decisão, do poder do Estado; mostrar como este panoptismo existe, ao nível mais simples e no funcionamento quotidiano de instituições que enquadram a vida e os corpos dos indivíduos; o panoptismo, ao nível, portanto, da existência individual.<sup>123</sup>

Essa é uma das exposições de Foucault primordiais tanto para entender de que maneira a Plataforma Lattes (como será visto no capítulo III) pode ser classificada dentro da instituição universitária, ou seja, um modo de panoptismo, quanto para entender o funcionamento lógico da sociedade disciplinar. Assim, faz-se

---

<sup>122</sup> MUCHAIL, in: RIBEIRO, 1985: 198

<sup>123</sup> FOUCAULT, 2002b: 107.

necessário uma breve descrição desse funcionamento cotidiano das instituições modernas, para então associá-lo ao objetivo desta análise.

A vigilância entendida como característica básica das instituições disciplinares se configura como uma vigilância,

...que é “ao mesmo tempo global e individualizante”, onde o “anteparo da escuridão” é substituído por uma “visibilidade isolante”, vai se constituindo então um tipo de poder que se exerce “por transparências”, uma dominação que se faz como que por “iluminação.”<sup>124</sup>

Foucault salienta que a vigilância de alguém (mestre-escola, chefe da oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão) direcionada constantemente sobre os indivíduos exerce um poder que ao mesmo tempo em que vigia, constitui sobre ele um certo saber que fiscaliza seu comportamento diante das regras da instituição, que o enquadra num comportamento desejável. Pois, as instituições significam as fábricas, escolas, hospitais, prisão e, apesar de serem denominadas por Foucault de “instituição de seqüestro”, elas não têm o objetivo de exclusão daqueles que estão fora da normalidade, como explica Salma Tannus Muchail, “em razão de que a reclusão que elas operam não pretende propriamente ‘excluir’ o indivíduo recluso, mas antes, ‘incluir-lo’ num sistema normalizador”<sup>125</sup>. Isto explica uma das funções das instituições de seqüestro que,

através destes jogos de poder e do saber, poder múltiplo e saber que interfere e se exerce simultaneamente nestas instituições, temos a transformação da força do tempo e da força de trabalho e sua integração com na produção. Que o tempo da vida se torne tempo de trabalho, que o tempo de trabalho se torne força de trabalho, que a força de trabalho se torne força produtiva.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> MUCHAIL, in: RIBEIRO, 1985: 201

<sup>125</sup> MUCHAIL, *op. cit.* 200.

<sup>126</sup> FOUCAULT, 2002b: 122.

Trata-se, sobretudo da inclusão do indivíduo à sociedade disciplinar, mediante o poder instalado pelas instituições. Um poder que, segundo Foucault, "em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura liga-las para multiplica-las e utiliza-las num todo."<sup>127</sup> Salma Muchail, se refere a esse poder como um poder que "se desdobra em múltiplos caracteres que, esquematicamente, podemos designar econômicos, políticos, judiciários e epistemológicos."<sup>128</sup>

A forma mais eficaz para as instituições exercerem esse poder foi, portanto, a aplicação da técnica da visibilidade, entendida como princípio geral da sociedade disciplinar. Foucault afirma que,

...o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente, no decorrer da época clássica, são construídos esses 'observatórios' da multiplicidade humana para as quais a história das ciências guardou tão poucos elogios. Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-los.<sup>129</sup>

A vigilância proporciona o êxito no desempenho das funções institucionais, ao implantar um instrumento que possibilite que ela atue constantemente, mantendo-se

---

<sup>127</sup> FOUCAULT, 1987: 143.

<sup>128</sup> MUCHAIL, in: RIBEIRO, 1985: 204. Sobre essa polivalência do poder será comentado na seqüência.

<sup>129</sup> FOUCAULT, 1987: 143-144.

“onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível.”<sup>130</sup> Trata-se do controle exercido por técnicas e recursos para controlar o tempo e os corpos, que funcionam como dispositivos que viabilizam, sobretudo, o caráter epistemológico do poder.

O **controle**, portanto, é o segundo aspecto relevante da sociedade disciplinar. O controle do tempo era feito pela programação contínua do tempo das atividades “não só nas fábricas, como nas escolas, nas prisões, nos orfanatos, nos hospitais, nas casas de correção, etc., como um dos nós que amarram esta rede de instituições.”<sup>131</sup> Trata-se de controlar além as atividades produtivas, o tempo de lazer, descanso, de prazer, pois a função das instituições é “transformar todo o tempo dos homens em tempo de trabalho”.<sup>132</sup>

O controle da atividade é analisado por Foucault que se reporta ao século XVII, no qual se inicia a busca pelo estabelecimento do tempo industrial. Segundo ele, “no século XVII, o regulamento das grandes manufaturas precisava os exercícios que deviam escandir o trabalho.”<sup>133</sup>. Assim, toda uma disciplina, com o apoio das congregações, se estendeu nas fábricas, escolas elementares onde a divisão do tempo tornou-se cada vez mais esmiuçante. Mesmo no século XIX, nas escolas militares, o tempo foi controlado com o apoio da disciplina dos conventos. Conforme relata Foucault, no início do século XIX, na França, “serão propostos para a escola mútua horários como o seguinte: 8,45 entrada do monitor, 8,52 chamada do monitor, 8,56 entrada das crianças e oração, 9 horas entrada nos bancos, 9,04

---

<sup>130</sup> FOUCAULT, 1987: 176.

<sup>131</sup> MUCHAIL, *in* :RIBEIRO, 1985: 203.

<sup>132</sup> MUCHAIL, *in* :RIBEIRO, 1985:.203.

<sup>133</sup> FOUCAULT, 1987: 128.

primeira lousa, 9,08 fim do ditado, 9,12 segunda lousa, etc.”<sup>134</sup> O que é definido nesse período não é propriamente o tempo, mas um programa de atividades que se define como

uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder.”<sup>135</sup>

O controle do tempo possibilitou o alcance de um objetivo maior da sociedade disciplinar: produzir corpos dóceis e úteis. Essa forma de exercício de poder criou mecanismos utilizando o princípio da visibilidade para produzir corpos dóceis, por meio das instituições disciplinares. Foucault faz sua análise, constatando que foi a partir de um estereótipo de soldado ideal no século XVII, que foi possível criar uma máquina de disciplinarizar ou mesmo fabricar corpos dóceis, considerados ideais pela sua utilidade e facilidade de dominação. Segundo Foucault,

...houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto de alvo e poder.(...) Não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalho detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível da mecânica”. (...) A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’.(...) Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação<sup>136</sup>.

---

<sup>134</sup> FOUCAULT, . 1987: 128.

<sup>135</sup> FOUCAULT, 1987: 129.

<sup>136</sup> FOUCAULT, 1987:, : 117-118.

A visibilidade da máquina panóptica inserida nas instituições que têm como função produzir corpos dóceis e úteis, consegue, portanto, atingir o propósito da disciplina que seria o aumento do domínio do próprio corpo. Para isso, forma-se uma política das coerções que, segundo Foucault,

...são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder', está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (...) A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: Ela dissocia o poder do corpo; (...) a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.<sup>137</sup>

Assim, por meio da vigilância que resulta na disciplina, conseguem-se resultados eficientes que se estendem por todo o corpo social. Ela forma uma nova anatomia política, numa multiplicidade de processos de origens e aplicações diferentes, mas que configuram o mesmo método disciplinar. É nesse sentido que se entende o aspecto polivalente do poder disciplinar. Segundo Foucault, "a formação da sociedade disciplinar está ligada a um certo número de amplos processos históricos no interior dos quais ela tem lugar: econômicos, jurídico-políticos, científicos, enfim."<sup>138</sup> Inclui-se aqui o esquema apontado por Salma Muchail,

---

<sup>137</sup> FOUCAULT, 1987: : 119.

<sup>138</sup> FOUCAULT, V 1987: : 179.

citado anteriormente<sup>139</sup>, sobre o aspecto polimorfo e por isso polivalente do poder disciplinar exercido nas instituições, porque ele se desdobra em diversos caracteres, ou formas que desempenham funções diferentes na sociedade. Trata-se do caráter econômico, político, judiciário e epistemológico. Sobre cada um deles, a autora afirma que:

o caráter econômico do poder disciplinar é evidente(...). Mas ao caráter econômico se atrela o político: “As pessoas que dirigem estas instituições se delegam o direito de dar ordens, de estabelecer regulamentos, de tomar medidas, de expulsar indivíduos, aceitar outros, etc.” Ambos, o econômico e o político, se articulam no judiciário: “nestas instituições,(...) se tem o direito de punir e compensar, se tem o poder de fazer comparecer diante das estâncias de julgamento”.(...) Poder econômico, poder político, poder judiciário, o poder instalado nas instituições disciplinares é também epistemológico, isto é, produz saberes. E os produz duplamente: quer extraíndo saber *dos* indivíduos, quer elaborando saber *sobre* os indivíduos.<sup>140</sup>

Dessa articulação entre aos caracteres do poder disciplinar, talvez, o caráter **epistemológico** seja o grande efeito mantenedor do sucesso da disciplina como formadora da sociedade, pois, ao produzir novos saberes que emergem das relações de poder que envolvem técnicas disciplinares, ela se auto-alimenta do poder do contido nesses saberes. Mas, com certeza, trata-se do núcleo do pensamento de Foucault, ou seja, a articulação entre poder e saber. E, a vigilância, sendo característica básica da sociedade disciplinar, atua nessa produção de saberes, que fica clara no exemplo seguinte:

Um exemplo de saber extraído *dos* indivíduos ocorre em instituições como fábricas, onde o sabere do operário a respeito de seu próprio trabalho, nascido de seu a prática, e constantemente submetido á vigilância e ao registro, fornece os elementos

<sup>139</sup> Cf, p. 10. MUCHAIL, 2001.

<sup>140</sup> MUCHAIL, *in*: RIBEIRO, 1985: 205.

para gerar saber acerca da produção. Por sua vez, os saberes *sobre* o indivíduo nascem das observações, das classificações, das anotações, que se fazem sobre o doente, sobre o criminoso, sobre a criança etc.<sup>141</sup>

É dessa forma que a disciplina se efetiva por meio de técnicas que consideram uma “observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para o controle e utilização dos homens”<sup>142</sup>.

### **2.2.1 As Técnicas Utilizadas no Cumprimento das Funções das Instituições Disciplinares**

Articulando-se ainda a essas funções das instituições de controle do tempo e dos corpos, alguns recursos tornam-se relevantes para a eficácia das disciplinas. Trata-se da arte da distribuição, da sanção normalizadora e do exame.

Um exemplo da arte das distribuições, aplicado nas instituições escolares se reflete na posição da fila. A partir de 1762, o espaço escolar se desdobra. A classe torna-se homogênea, ela apenas se compõe de elementos individuais, todos submetidos aos olhares do mestre, conforme explica Foucault:

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana, de mês, de ano em ano, (...). [enfim] E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo, numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do

---

<sup>141</sup> MUCHAIL, *in*: RIBEIRO, 1985: 205.

<sup>142</sup> FOUCAULT, 1987: : 121.

saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos.<sup>143</sup>

Com esse exemplo da utilização da técnica da arte da distribuição, a questão do poder instituído a certos saberes, lhes conferindo estatuto, passa a também ser exemplificada nesse procedimento. Também é o momento em que se configura uma nova forma de exercício de poder que gera saber.

O saber resultante da vigilância, organizado em torno da norma pelo controle dos indivíduos no decorrer de sua existência, “é a base do poder, a forma de saber-poder que vai dar lugar não às grandes ciências de observação como no caso do inquérito, mas ao que chamamos ciências humanas: Psiquiatria, psicologia, Sociologia, etc.”<sup>144</sup>

Quanto à sanção normalizadora, trata-se de um dos recursos utilizados para o bom adestramento. É um mecanismo penal que funciona na essência de todos os sistemas disciplinares; considerando que a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir que se configura como um modelo reduzido do tribunal. Segundo Foucault,

na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. (...) Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), a maneira de ser (grosseria, desobediência), os discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão desde o castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho

---

<sup>143</sup> FOUCAULT, 1987: 126.

<sup>144</sup> FOUCAULT, 2002b: 88.

disciplinar: levando ao extremo, que tudo que possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora.<sup>145</sup>

O poder que se enraíza por meio da punição traz, portanto, a normalização, ou seja, a aceitação de um conjunto de regras que ao serem cumpridas levam e mantêm o indivíduo dentro de padrões considerados “normais”. Assim, se estabelecem as normas de comportamento disciplinar para todas as instituições e, com a coerção ao não cumprimento dessas normas citadas acima, consegue-se homogeneidade, que também passa a ser regra, inibindo a diversidade dos indivíduos. Nesse sentido, a sanção normalizadora contribui eficientemente para o controle dos indivíduos.

Por fim, o exame é apresentado por Foucault como o dispositivo fundamental para o exercício da disciplina e, sobretudo, o recurso mais eficaz na produção de saberes, que configura o caráter epistemológico do poder disciplinar. É por meio do exame que se obtêm os dados que ao serem manipulados por aquele que compõem a hierarquia da vigilância<sup>146</sup> se transformam em saberes. Ele articula as “técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir”<sup>147</sup>. É esse o motivo que faz com que o exame seja, segundo Foucault, “altamente ritualizado.(...) a superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o brilho visível.”<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> FOUCAULT, 1987: 149.

<sup>146</sup> Cf. FOUCAULT, 1987:143 e seguintes.

<sup>147</sup> FOUCAULT, 1987: 154.

<sup>148</sup> FOUCAULT, 1987:. 154.

O exame é o mecanismo que melhor apresenta a relação entre saber-poder. Ele liga a autoridade de certos tipos de saber a certos exercícios de poder.<sup>149</sup>

Um dos exemplos citados por Foucault se refere ao saber da medicina que passa a incluir o exame como uma prática contínua e rotineira. Foucault relata como essa prática foi se inserindo gradativamente nas instituições, fornecendo todo um campo epistemológico para a medicina daquele período, a partir do registro que passou a ser elaborado nas visitas do médico aos pacientes.

Segundo ele,

...a inspeção de antigamente, descontínua e rápida, se transforma em uma observação regular que coloca o doente em uma situação de exame perpétuo. Com duas conseqüências: na hierarquia interna, o médico, elemento até então exterior, começa a suplantiar o pessoal religioso e a lhe confiar um papel determinado mas subordinado, na técnica do exame; aparece então a categoria do “enfermeiro”; quanto ao próprio hospital, que era antes de tudo um local de assistência, vai tornar-se local de formação e aperfeiçoamento científico: viravolta das relações de poder e constituição de um saber. O hospital bem “disciplinado” constituirá o local adequado da “disciplina” médica; esta poderá então perder seu caráter textual e encontrar suas referências menos na tradição dos autores decisivos que num campo de objetos perpetuamente oferecidos ao exame.<sup>150</sup>

Assim, o exame passou a constituir-se como uma técnica dotada de poder, capaz de extrair saberes. Foucault Também aponta para outras instituições da sociedade, que do mesmo modo foram se tornando um aparelho de exame.

Trazer o exemplo da escola torna-se importante para mostrar que desde o século XVII a instituição escolar mantém esse mecanismo que coloca o exame numa relação de poder e saber. As mudanças que se evidenciaram no decorrer dos séculos apenas retificaram algumas práticas, sobretudo, aquelas que contrariavam

---

<sup>149</sup> cf. FOUCAULT, 1987: 156.

<sup>150</sup> FOUCAULT, 1987: 155.

os saberes estabelecidos pelas ciências humanas, surgidas no século XIX, que amenizaram o rigor das normas aplicado nas escolas<sup>151</sup>. Como relata Foucault:

o exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimento sobre seus alunos. Enquanto que a prova com o que terminava um aprendizado na tradição corporativa validava uma aptidão adquirida a “obra-prima” autenticava uma transmissão de saber já feita o exame é na escola uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre. A escola torna-se o local de elaboração da pedagogia. E do mesmo modo como o processo do exame hospitalar permitiu a liberação epistemológica da medicina, a era da escola “examinatória” marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência. A era das inspeções e das manobras indefinidamente repetidas, no exército, marcou também o desenvolvimento de um imenso saber tático que teve efeito nas guerras napoleônicas.<sup>152</sup>

O interesse, portanto, em manter o exame sempre próximo do poder disciplinar está, sobretudo, na sua capacidade de assegurar a ordenação das multiplicidades humanas dentro de um sistema social. Entretanto, o exame faz também a individualidade entrar num campo documentário, constituindo-se em saberes que possuem o poder de controlar as individualidades de maneira global.<sup>153</sup>

Assim,

...as disciplinas atravessam então o limiar ‘tecnológico’. O hospital primeiro, depois a escola, mais tarde ainda a oficina, não foram simplesmente ‘postos em ordem’ pelas disciplinas; tornaram-se, graças a elas, aparelhos tais que qualquer mecanismo de objetivação pode valer neles como instrumentos de sujeição, e

---

<sup>151</sup> cf. FOUCAULT, 1987: 156. Sobre esse rigor aplicado Foucault descreve que : “tratar-se-á cada vez menos daquelas justas em que os alunos defrontavam forças e cada vez mais de uma comparação perpétua de cada um com todos, que permite ao mesmo tempo medir e sancionar. Os Irmãos das Escolas cristãs queriam que seus alunos fizessem provas de classificação todos os dias da semana: primeiro dia para a ortografia, o segundo para a aritmética, o terceiro para o catecismo da manhã, e da tarde para a caligrafia, etc. (...) Desde 1775, há na escola de Ponts et Chaussées 16 exames por ano: 3 de matemática, 3 de arquitetura, 3 de desenho, 3 de desenho, 2 de caligrafia, 1 de corte de pedras, 1 de estilo, 1 de levantamento de planta, 1 de nivelamento, 1 de medição de edifício. O exame não se contenta em sancionar um aprendizado; é um de seus fatores permanentes: sustenta-o segundo um ritual de poder constantemente renovado.”

<sup>152</sup> FOUCAULT, 1987: .156.

<sup>153</sup> cf. FOUCAULT, 1987: 157-180.

qualquer crescimento de poder dá neles lugar a conhecimentos possíveis; foi a partir desse laço, próprio dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar no elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho. Duplo processo, portanto: arrancada epistemológica a partir de um afinamento das relações de poder; multiplicação dos efeitos de poder graças à formação e a acumulação de novos conhecimentos.<sup>154</sup>

O mecanismo dos exames se mantém pelo fato de que quando exercido na sociedade, traz consigo a propriedade das disciplinas em relação às multiplicidades, ou seja, um exercício de poder com baixo custo, sem possibilidade de fracasso nem de lacunas, e, especificamente se tratando do caráter econômico do poder disciplinar, ele ao mesmo tempo que contribui para o crescimento econômico do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce, as instituições, ele promove a docilidade e utilidade de todos os elementos do sistema.<sup>155</sup>

Portanto, a soma desses mecanismos de controle aplicados por meio de técnicas e recursos que têm como princípio geral a vigilância, constituem o que Foucault denominou de sociedade disciplinar, que, segundo ele, é a nossa sociedade atual. Pois,

...não devemos nos enganar: essas técnicas apenas mandam os indivíduos de uma instância disciplinar a outra, e reproduzem, de uma forma concentrada, ou formalizada, o esquema de poder saber próprio a toda disciplina. O grande inquérito que deu lugar às ciências da natureza destacou-se de seu modelo político-jurídico; o exame, em compensação, continua preso à tecnologia disciplinar.<sup>156</sup>

É nesse sentido que se pretende identificar algum desses mecanismos presentes hoje, especificamente no âmbito do Estado e Educação, na última década do século XX e início do século XXI. E, assim, poder levantar argumentos que

---

<sup>154</sup> FOUCAULT, 1987: 184-185.

<sup>155</sup> *cf.* FOUCAULT, 1987: 180

<sup>156</sup> FOUCAULT, 1987: 186.

confirmem a proposição de Foucault, mas acima de tudo, alertar para o papel do pesquisador como um produtor disciplinado e controlado por relações entre saber-poder, expressos na Plataforma Lattes. Essa intenção de apontar as técnicas disciplinares presentes na Plataforma Lattes se inspira nas seguintes palavras de Foucault:

não devemos nos enganar: essas técnicas apenas mandam os indivíduos de uma instância disciplinar a outra, e reproduzem, de uma forma concentrada, ou formalizada, o esquema de poder saber próprio a toda disciplina. O grande inquérito que deu lugar às ciências da natureza destacou-se de seu modelo político-jurídico; o exame, em compensação, continua preso à tecnologia disciplinar.<sup>157</sup>

---

<sup>157</sup> FOUCAULT, 1987: 186.

### CAPÍTULO III

## PLATAFORMA LATTES: DISPOSITIVO DISCIPLINAR NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR CONTEMPORÂNEO

*Qualquer membro da sociedade terá direito de vir constatar com seus olhos como funcionam as escolas, os hospitais, as fábricas, as prisões.*

*Michel Foucault*

Analisar aspectos da sociedade contemporânea sob a perspectiva apontada por Michel Foucault, requer que se tenha ciência dos motivos que o levam a concluir que "a sociedade contemporânea, (...) merece o nome de 'sociedade disciplinar' "<sup>158</sup>. Trata-se dos mecanismos disciplinares vistos no capítulo anterior, sobretudo, o elemento que está na sua base: a vigilância que capta dados sobre os indivíduos e, com eles, que gera saberes capazes de controlar o indivíduo e a sociedade.

É esse aspecto que se associa à Plataforma Lattes, ou seja, "uma plataforma *Web*, que permite que os pesquisadores atualizem os seus currículos diretamente na base do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico)"<sup>159</sup>, possibilitando, assim, o intercâmbio entre instituições ligadas a C&T no País. Esta ferramenta surgiu para facilitar o cadastro de todos aqueles vinculados ao CNPq e à Fundação CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — que, em maio de 1999, "acordaram completa compatibilização do novo

---

<sup>158</sup> FOUCAULT, Michel. 2002b: 79.

<sup>159</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.]

currículo do CNPq com os dados de pós-graduação, sob a ótica dos indivíduos de um Programa (pesquisadores, docentes ou discentes)."<sup>160</sup>

O site <http://genos.cnpq.br:12010/dwlattes/owa/consultapesq.inicio>, é um ambiente virtual para consulta de currículos, de forma que ao nele se digitar um nome, abre-se uma nova página com o nome consultado, explicitando: maior nível de formação, endereço eletrônico, Instituição onde atua e dois *links*. O primeiro para o Currículo Lattes — individual — e o segundo para o Grupo de Pesquisa, núcleo celular do sistema.

O *software* da Plataforma organiza os "indicadores de produção", categorizando-os em Produção bibliográfica, Produção técnica, Produção artística/cultural, Orientações concluídas, Demais trabalhos e Dados complementares. Além disso, contabiliza e discrimina os dados, com números totais e sub-totais. Todos os trabalhos realizados em parceria registram os nomes dos co-autores ou colaboradores — a exemplo de bancas examinadoras — possibilitando que tais nomes sejam pesquisados no site acima referido.

O link para o Grupo de Pesquisa mostra também os "indicadores de produção" do grupo e disponibiliza *links* dos nomes de todos os componentes do grupo para seus currículos e outros grupos nos quais atuam.

Tais grupos são avaliados periodicamente sob o parâmetro da "produção acadêmica" de seus integrantes, e os escores obtidos definem os valores atribuídos aos cursos e às instituições. Para a manutenção de um conceito aceitável dos cursos, grupos e instituições, os grupos precisam que seus integrantes tenham uma produção mínima anual, que será somada às de seus companheiros e daí extraído

---

<sup>160</sup> BRASIL, 2003: [s.p].

um determinado índice, balizador da suficiência ou insuficiência produtiva desse núcleo de pesquisa.

Além disso, são os escores obtidos que permitem liberação de verbas, abertura de vagas, concessão de bolsas — desde as de iniciação científica até as de pós-doutorado.

Isso posto, torna-se fácil perceber como este dispositivo impele os intelectuais a uma preocupação com o número de pesquisas, escritos e, principalmente, publicações que, conforme a classificação dos periódicos nos quais são divulgadas, adquirem maior ou menor relevância.

Assim, serão tomados para a análise da Plataforma Lattes, o módulo correspondente ao Currículo Lattes e outro destinado aos Diretórios de grupos de pesquisa e de instituição. Nesses exemplos, é possível verificar a característica básica da sociedade disciplinar, pois a vigilância e o controle permeiam o funcionamento desses módulos que armazenam dados das pesquisas e dos seus usuários, fornecendo uma visibilidade que possibilita a avaliação contínua e o controle das produções científicas.

A Plataforma Lattes apresenta instantaneamente a visibilidade dos dados, por meio de um formulário eletrônico dos dados curriculares de seus cadastrados. Portanto, a partir desse aspecto, ela se assemelha à estrutura e ao funcionamento do *Panopticon* de Bentham analisado por Foucault, que afirmou ser o lugar onde se produzia a

...vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder\_ mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão\_ e que,

enquanto exerce esse poder, tem possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles, um saber.<sup>161</sup>

Nesse sentido, a Plataforma Lattes tanto vigia os saberes produzidos quanto cria saberes científicos sobre seus usuários, como, por exemplo, a avaliação institucional, que se fortalece com o poder das normas, tal como aqueles que Foucault aponta como saberes que constituem sobre o indivíduo um certo saber que fiscaliza seu comportamento normatizado e vigiado.

Assim, a Plataforma Lattes é selecionada, aqui, como um exemplo do mecanismo disciplinar contemporâneo. Este exemplo pertence ao setor do Estado e Educação, especificamente, ao Ensino Superior.

O propósito é buscar na gênese do modelo de currículo estabelecido entre 1998 e 1999 para atender “tanto suas necessidades de operação de fomento como de planejamento e gestão em C&T”<sup>162</sup>, a identificação da questão foucaultiana de relação **poder-saber**. Nesse sentido, a Plataforma Lattes é tomada nesta análise como um dispositivo que executa técnicas da vigilância, tal como o

*... Exame cercado de todas as suas técnicas documentárias, faz de cada indivíduo um “caso”:* um caso que ao mesmo tempo constitui um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder.<sup>163</sup>

A comparação entre a Plataforma Lattes e o Exame, identificando ambos como dispositivos disciplinares, é o objetivo deste último capítulo. Para este

---

<sup>161</sup> FOUCAULT., Michel. 2002b: 88.

<sup>162</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.]

<sup>163</sup> FOUCAULT, 1987: 159. [grifo nosso]

propósito, parte-se de uma abordagem sobre algumas possíveis circunstâncias que propiciaram as condições de surgimento da Plataforma Lattes, visto que se aplica aqui um aspecto do procedimento genealógico, investigando as condições que propiciaram seu desenvolvimento, permeando por algumas circunstâncias implicadas à gênese desse instrumento. Em seguida, faz-se uma apresentação da Plataforma Lattes, privilegiando o conceito, a finalidade e o funcionamento dessa ferramenta. Por fim, pretende-se apontar alguns limites desse sistema, em função das positivities que ele defende. Para todos estes enfoques serão retomados alguns pontos do que foi visto nos dois capítulos anteriores, mostrando as semelhanças com as técnicas disciplinares das instituições modernas, sobretudo o **exame**, a fim de aplicar a crítica do referencial teórico a esse aspecto contemporâneo.

### **3.1 As Reformas do Estado: condição circunstancial para o surgimento da Plataforma Lattes.**

Antes de adentrar diretamente nesta abordagem, faz-se necessário dizer o que é e qual a principal função do objeto de estudo que se apresenta aqui. Portanto, a Plataforma Lattes, corresponde ao

...formulário eletrônico do MCT, do CNPq, da Finep e da CAPES/MEC para o cadastro de dados curriculares de pesquisadores e de usuários em geral. Seus dados são utilizados para: **avaliação** da **competência** de candidatos à obtenção de

bolsas e auxílios; seleção de consultores, de membros de comitês e de grupos assessores; subsídio à **avaliação** da pesquisa e da pós-graduação brasileiras.<sup>164</sup>

A pesquisa sobre o surgimento desse formulário leva, necessariamente, ao contexto das Reformas do Estado que vêm se concretizando, no Brasil, a partir de 1990. Diz respeito à dicotomia nas funções do Estado em: burocráticas e sociais. Os termos grifados no conceito acima são alguns aspectos que tomaram relevância nessas Reformas. Entretanto, será possível desenvolver apenas um brevíssimo comentário sobre a Reforma do Estado e do Ensino Superior, suficiente, porém, para situar e relacionar a **avaliação da competência**, com a fundamentação teórica que aqui foi exposta. Uma abordagem mais ampla sobre a Reforma exigiria a leitura da vasta e atual literatura que não se faz imprescindível ao objetivo desta dissertação. Mas, a intenção em mencionar certos deslocamentos ocorridos na relação Estado-Sociedade é apenas de abrir uma via de acesso para as mudanças relativas ao Ensino Superior, sobretudo aquelas que resultaram na importância da avaliação da competência, a qual gerou a viabilidade da implantação da Plataforma Lattes.

Nos últimos anos, estudos sobre as reformas universitárias, decorrentes do processo de liberalização econômica proposto a países como o Brasil por organismos multilaterais<sup>165</sup> (FMI, BIRD/ Banco Mundial e outros), vêm se expandindo

---

<sup>164</sup> Verificar referencia no site [grifo nosso].

<sup>165</sup> Sobre tais organismos, SILVA JR E SGUISSARDI relatam que na década de 80 a preocupação desses organismos em relação aos países de terceiro mundo. Preocupações que levaram que se estabelecer em alguns eixos sobre o desenvolvimento e crescimento desses países. Eixos que se traduziram no Consenso de Washington da seguinte forma:” 1. equilíbrio orçamentário, sobretudo mediante a redução dos gastos públicos; 2. abertura comercial, pela redução das tarifas de importação e eliminação das barreiras não-tarifárias; 3.liberalização financeira, por meio de reformulações das normas que restringem o ingresso do capital estrangeiro; 4.desregulamentação dos mercados domésticos, pela eliminação dos instrumentos de intervenção do estado, como controle de preços e incentivos, etc.; 5. *privatização* das empresas e dos serviços públicos.” (SOARES, 1996. In : SILVA Jr e SGUISSARDI, v. 1999 : 26.)

entre os estudiosos da Educação. Estas análises apresentam alguns pontos comuns em relação ao desmonte do Estado intervencionista na economia e setores sociais<sup>166</sup>, a reconfiguração para um Estado Avaliador<sup>167</sup> e um reordenamento da relação entre Estado e Sociedade<sup>168</sup>.

No Brasil, as medidas recomendadas pelos organismos multilaterais são tomadas a partir da reforma administrativa do Estado, iniciada em 1995 como um tema central relacionado à preocupação com o ajuste fiscal e com a modernização do atendimento ao cidadão no setor público.

Entre a literatura produzida a esse respeito, destaca-se o trabalho de João Reis Silva Jr. e Valdemar Sguissardi (1999), por apresentar pontos unânimes existentes no bojo das discussões que tratam do tema, sobretudo quanto aos aspectos marcantes da Reforma do Aparelho do Estado e da Educação Superior nos âmbitos do MARE e MEC.

Silva e Sguissardi (1999) enfatizam nessa reforma que visa “a chamada *modernização* ou o *aumento de eficiência* da administração pública. (...) a descentralização da administração pública com a ‘implantação de agências executivas e de ‘organizações sociais’ controladas por contrato de gestão”<sup>169</sup>. É esse aspecto da reforma que atinge o ensino superior no Brasil, pois, segundo Bresser Pereira, que comandava o Ministério da Administração Federal e da Reforma em 1995, as universidades e os centros de pesquisa se enquadram nas novas “organizações sociais”. Sua afirmação foi de que

---

<sup>166</sup> cf. SILVA JR E SGUISSARDI, V. 1999.

<sup>167</sup> cf. NEAVE e VAN VUGHT, *in* RISTOFF, D.I.; SOBRINHO, J. D. 2002: 173.

<sup>168</sup> cf. TELLES, *in* RISTOFF, D.I.; SOBRINHO, J. D. 2002::173.

<sup>169</sup> SILVA Jr e SGUISSARDI, 1999: 28.

esta última reforma se dará através da drástica concessão de autonomia financeira e administrativa às entidades de serviço do Estado, particularmente de serviço social, como as universidades, as escolas técnicas, os hospitais, os museus, os centros de pesquisa e o próprio sistema de previdência. Para isso a idéia é de criar a possibilidade dessas entidades serem transformadas em ‘ organizações sociais’.<sup>170</sup>

A Reforma anunciada pelo Ministério foi se consolidando a partir dos trâmites políticos e burocráticos, e também estava presente nos Plano Diretor do Estado (1995). Importa, agora, chamar atenção para o efeito dessa reforma que reduz o papel do Estado como “prestador direto de serviços, mas manteria o papel de *regulador, promovedor e promotor* desses serviços, entre os quais os de educação e saúde”.<sup>171</sup>

Ainda sobre esse novo direcionamento da questão social, o texto de Almeida Jr. (2002) vincula um outro aspecto nesse deslocamento em relação às políticas educacionais. Segundo ele,

na nova relação ou direcionamento da questão social se verificou o *deslocamentos da gestão do social* vinculada a direitos sociais para a gestão do social vinculada á solidariedade e benevolência, cuja respnsabilidade deixou de ser da relação Estado-Sociedade passando para a relação comunidade-empresas, organizações não-governamentais e organizações filantrópicas.<sup>172</sup>

As mudanças no Estado, ou melhor, o desmonte do Estado intervencionista na economia, passando a ser um Estado regulador, sobretudo no setor social,

---

<sup>170</sup> PEREIRA, Bresser. In : SILVA Jr e SGUISSARDI, 1999: 34.

<sup>171</sup> SILVA, Jr e SGUISSARDI, 1999: 40

<sup>172</sup> ALMEIDA JR, 2002: 174

provocaram algumas medidas tomadas para a educação superior, sintetizadas por Almeida Jr. nos seguintes aspectos:

cobrança para que as instituições universitárias fossem eficientes na alocação e utilização de seus recursos, sendo responsáveis pelas estratégias de sua “missão”; transferência do modelo de gestão política para o modelo de gestão empresarial; exigências para que as instituições universitárias correspondessem às demandas de sua região; concentração da responsabilidade das atividades nas mãos das instituições que demonstram excelência; transposição dos valores técnicos do mundo dos negócios para o mundo acadêmico.<sup>173</sup>

Diante dessas medidas, destaca-se um dos pontos centrais da proposta de um padrão unitário de qualidade para a universidade brasileira: trata-se da avaliação institucional que passa a ter um papel fundamental para a eficácia das reformas, como um instrumento que corresponde ao seu próprio desempenho como organização social. A avaliação institucional passa a se constituir como um aspecto de extremo impacto nesse novo contexto das universidades, em função do poder atribuído ao resultado de seu desempenho diante dos critérios exigidos para se tornar uma organização social que atenda às necessidades do mercado atual.

A esse respeito, retoma-se a análise de Foucault sobre os saberes provenientes das relações de poder. Pois a avaliação passa a se constituir como um investimento político, tal como aquele em que, segundo Foucault, “não se faz simplesmente ao nível da consciência, das representações e no que julgamos saber, mas ao nível daquilo que torna possível algum saber.”<sup>174</sup> Nesse sentido, a avaliação agrega uma função com aspecto duplo: gerar saber com *status* científico proveniente da aplicação de mecanismos disciplinares e, sobretudo, ela assume um papel

---

<sup>173</sup> ALMEIDA Jr: 175.

<sup>174</sup> FOUCAULT, 1987: 154.

relevante no **controle** do Estado em relação às instituições superiores. Tais aspectos estão configurados sob a relação poder-saber, questão central do pensamento foucaultiano.

Quanto ao primeiro aspecto, existe uma semelhança da avaliação com a análise de Foucault, sobre a aplicação do exame no século XVIII. O autor se refere ao exame que proporcionou certos saberes, citando como exemplo do saber resultante de condições essenciais para liberação epistemológica, a medicina do fim do século XVIII, explicando a transformação da

...organização do hospital como um aparelho de 'examinar'. O ritual da visita é uma de suas formas mais evidentes.(...) Pouco a pouco a visita tornou-se mais regular, mais rigorosa, principalmente mais extensa: ocupou uma parte cada vez mais importante do funcionamento hospitalar.(...) A inspeção antigamente, descontínua e rápida, se transforma em uma observação regular que coloca o doente em situação de **exame** quase perpétuo. Com duas conseqüências: na hierarquia interna, o médico, elemento até então exterior, começa a suplantiar o pessoal religioso e a lhe confiar um papel determinado mas **subordinado**, na técnica do exame; aparece então a categoria do 'enfermeiro'; quanto ao próprio hospital, que era antes de tudo um local de assistência, vai tornar-se um local de formação e aperfeiçoamento científico: **viravolta das relações de poder e constituição de saber**.<sup>175</sup>

Foucault relata as condições que geraram saberes científicos da medicina a partir do século XVIII, enfatizando o exame como a condição fundamental e que está acima do próprio médico. Um dos fatores que interferiram nessa nova organização do hospital corresponde ao novo sistema político econômico, ou seja, o capitalismo industrial, fazendo das instituições modernas produtoras de corpos dóceis e úteis, tal como foi mencionado no capítulo anterior.

Ao fazer um paralelo deste fragmento da análise de Foucault com o que está acontecendo com a avaliação da educação superior no Brasil, verifica-se que essa

---

<sup>175</sup> FOUCAULT, 1987: 154. [grifo nosso]

**avaliação** se configura como uma técnica tal como o **exame**, fazendo surgir o profissional da avaliação que detém o saber com o da avaliação com *status* científico, mas que também está **subordinado** a ela. A base dessa analogia está situada no estudo de Almeida Jr, que percebe um novo status conferido à avaliação já no Estado de Bem-estar, quando passa a ser algo que se profissionaliza.

ALMEIDA JR observa que:

Por meio de políticas e legislação, o Estado de Bem-estar tem a função de regulador social, isto é, de ajuste tanto da economia como da política (SILVA JR. e SGUISSARDI,2001: 104) As políticas de avaliação nesse quadro incidem basicamente sobre a avaliação de programas, em particular sobre os processos de implantação com vistas à distribuição de recursos para determinado programa social. Isso se fazia fundamental porque a educação no Estado de bem-estar correspondia à demanda social. E era o Estado o principal agente promotor do financiamento das condições para garantir essa nova demanda que, cada vez mais, ligava-se às necessidades da indústria e produção. Basta lembrarmos que, conforme VERSSILIER(1983), até à primeira guerra Mundial, o gasto público nos países desenvolvidos com programa sociais absorvia apenas 10-15% do produto interno Bruto(PIB). Posteriormente, devido o aumento de gasto em seguridade social e à criação de empresas públicas, chegou a 25%; e após a Segunda Guerra Mundial, o gasto público superou 40% do PIB, situando-se, em muitos países, acima de 50%(Apud COHEN, FRANCO, 2000:39).(…) Não é por acaso que justamente nessa fase a avaliação se profissionaliza, vindo a constituir numa atividade de especialista. É caracterizada pelo surgimento de novas reflexões e perspectivas teóricas como, por exemplo, o modo de investigação qualitativo -sem que isto tenha significado o desaparecimento das linhas de avaliação de períodos anteriores, predominantemente quantitativas.<sup>176</sup>

A síntese apresentada por Almeida Jr, mostra a importância dada à avaliação no período do Estado de Bem-estar, devido a sua função de regular e oferecer critérios de julgamento para as políticas públicas implementadas naquele momento. Nesse contexto, ela já se desenvolve de forma quantitativa. Retoma-se a questão da avaliação e sua relação com o Estado, a fim de evidenciar como ela pode ser considerada um saber (digno de especialistas) decorrente das relações de poder de

---

<sup>176</sup> ALMEIDA, JR. : 169-70.

um contexto social. Na educação superior, essa função dos avaliadores tornou-se ainda mais significativa, quando se configura como avaliação da competência, relevando ainda mais o aspecto quantitativo, devido à transformação do Estado interventor em Estado avaliador, ocorrida a partir de 1970. Período esse em que se enfatizam as “políticas de avaliação em três grandes conceitos que determinam as tendências das políticas educacionais na atualidade: qualidade, autonomia e avaliação.”<sup>177</sup> Esclarecendo que se trata de uma qualidade voltada às necessidades mercadológicas, autonomia na questão financeira, a avaliação diz respeito

aos aspectos performáticos das instituições e de seus resultados.(...) se limita a uma atividade predominantemente técnica ou às questões de operacionalidade, vale dizer, à mensuração dos resultados produzidos pelas instituições no que diz respeito às suas tradicionais funções de pesquisar, ensinar e prestar serviços à comunidade(Goergen, 1995:54). Por isso, a ênfase nos indicadores quantitativos.<sup>178</sup>

### **3.1.1 A Avaliação da Competência como Função Primordial da Plataforma Lattes**

Nas instituições de ensino superior, a avaliação se configura num modelo de gestão acadêmica e administrativa, constituída de mecanismos implantados no decorrer da década de 1990. Por meio dessa configuração e implantação das técnicas de avaliação correspondentes ao novo contexto sócio-político-cultural e econômico atual, é possível detectar com maior evidência as semelhanças das

---

<sup>177</sup> ALMEIDA Jr. : 176.

<sup>178</sup> ALMEIDA Jr. : 176-177.

técnicas disciplinares analisadas por Foucault e as medidas tomadas para as universidades brasileiras, sobretudo na questão do **controle**.

Quanto à **competência**, termo ligado a avaliação, citada na explicação do conceito da Plataforma Lattes no que diz respeito à finalidade dos formulários eletrônicos, é um termo que está inserido num discurso político-pedagógico difundido e debatido no meio científico, a respeito do modelo de ensino para Competência. NAGEL e RICHMAN expressam o significado desse modelo da seguinte maneira:

ensino para Competência é um conjunto de palavras sonantes que, em essência, significa um programa flexível e individualizado que liberta ambos, professores e alunos, a fim de que possam trabalhar no seu ritmo próprio, sem receio de fracasso. Ensino para Competência (*Competency-Based Instruction – CBI*) é um modelo acessível que permite ao professor desenvolver seu programa de trabalho, utilizando seus objetivos de ensino. (...) No Ensino para Competência espichamos ou comprimimos o tempo a fim de ajustá-lo às necessidades de cada estudante. (...) A Competência que desejamos que os alunos alcancem precisa ser formulada explicitamente, em termos de conhecimentos, atitudes e habilidades, de tal forma que o aluno saiba com precisão o que queremos que ele aprenda.<sup>179</sup>

No entanto, este modelo de ensino é alvo de críticas de diversos autores que o vinculam às reformas neoliberais. Um estudo recente sintetiza os pontos principais da crítica :

O modelo por competência na escola, segundo seus defensores, apresenta uma dimensão positiva na medida em que busca construir mediações com a realidade. Esta positividade, entretanto, pode induzir tanto o aluno quanto o professor para uma **redução do conhecimento** [grifo nosso] à esfera empirista com caráter pragmático. O modelo de competência induz a educação a desvalorizar tudo aquilo que não é **visível** [grifo nosso]. Neste sentido, o conhecimento que passa a ser priorizado é aquele relacionado às chamadas novas tecnologias, às práticas das

---

<sup>179</sup> NAGEL, *in*: SANTOS, 2003:29.

peças. Este conhecimento se ajusta à lógica da produção de “mais valia” que caracteriza as relações sociais de produção no capitalismo.(...) cair nas armadilhas do modelo de competências que aponta no sentido de um certo ajuste da escola ao neoliberalismo e ao Estado em que se concentra o sistema capitalista que está a exigir um homem competitivo.<sup>180</sup>

A avaliação da competência, tida como uma das funções dos formulários eletrônicos, tem maior possibilidade de corresponder aos aspectos apontados na crítica do que ao significado do modelo de ensino para a Competência. Pois, são os conhecimentos produzidos nesse modelo de competência que estão sendo avaliados a partir dos censos realizados por meio do dispositivo Lattes, portanto, a Plataforma também pode ser vista como um instrumento que contribui para a formação do homem competitivo. E, por tratar-se de um modelo de ensino que reconhece somente o que é visível, ele compatibiliza e se adapta ao formulário eletrônico que tem por função captar dados e torná-los visíveis. Assim, corresponde a uma avaliação que desagrega a dimensão da subjetividade e se realiza conforme “as ‘competências e os acordos’ são definidos sem que as pessoas mais diretamente interessadas tomem parte das decisões, sem que sejam sujeitos. O discurso proclamado de autonomia para as pessoas resume-se numa autonomia de execução e não uma autonomia de decisão.”<sup>181</sup>

Diante desses apontamentos sobre as condições circunstanciais do surgimento da Plataforma Lattes, prossegue-se com os aspectos da configuração desse dispositivo.

---

<sup>180</sup> *idem*: 34.

<sup>181</sup> SANTOS, 2003. [s. p.]

### 3.2 A PLATAFORMA LATTES

A Plataforma Lattes, como foi dito anteriormente, trata-se de uma ferramenta on-line que proporciona o acesso ao formulário eletrônico do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) vinculada ao Ministério da Educação e da Cultura (MEC). Todos esses órgãos utilizam esse suporte que agrega formulários off-line, criado pela Coordenação Geral de Informática do CNPq, visando ao intercâmbio entre instituições Brasileiras ligadas a C&T.

Atualmente, é por meio do Site do CNPq, que se encontram as informações sobre a Plataforma Lattes. Nesse material são apresentados os elementos constituintes da Plataforma Lattes e sua função. A Plataforma se constitui como um

formulário eletrônico do MCT, do CNPq, da Finep e da CAPES/MEC para o cadastro de dados curriculares de pesquisadores e de usuários em geral. Seus dados são utilizados para avaliação da competência de candidatos à obtenção de bolsas e auxílios; seleção de consultores, de membros de comitês e de grupos assessores; subsídio à avaliação da pesquisa e da pós-graduação brasileiras. Para que esses objetivos possam ser alcançados de forma plena, o CNPq decidiu que a partir de 2002, todos os bolsistas de pesquisa, de mestrado, doutorado e de iniciação científica, orientadores e outros clientes [grifo nosso] do conselho terão de ter, compulsoriamente, um currículo Lattes cadastrado no CNPq. A inexistência do currículo impedirá pagamentos e renovações. O currículo será também obrigatório, a partir de 2002, para todos os pesquisadores e estudantes participantes do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil.<sup>182</sup>

O elemento básico, portanto, da Plataforma é o Currículo Lattes, o qual concentra uma diversidade de funções com o objetivo de atender “tanto às suas

---

<sup>182</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003. [grifo nosso]

necessidades de operação de fomento como de planejamento e gestão em C&T”.<sup>183</sup> É nesse sentido, que se grifou o termo cliente no fragmento acima, pois alunos, professores, pesquisadores passam a ser **clientes** em busca de um produto. Um produto que o Lattes irá avaliar, isto é, colocar sob o crivo da ótica dos valores. No entanto, não é só o produto que será avaliado, os “clientes” também. No caso de uma solicitação de bolsa de pesquisa, por exemplo, o Lattes será o instrumento que irá medir a capacidade do cliente em competir com outros “clientes”, etc.

Assim, existe um poder de controle contido no currículo Lattes, viabilizado pela Plataforma, que o torna, tal como o exame, o “centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber”.<sup>184</sup>

### **3.2.1 Currículo Lattes: Centro da Relação Saber-Poder**

O currículo Lattes é um dos itens fundamentais da Plataforma; traz como inovação em relação ao antigo *Currliculum Vitae* o fato de se configurar como um documento eletrônico com possibilidades de atualização instantânea dos dados contidos, principalmente quanto à produção de pesquisas e atividades da comunidade acadêmica do profissional-educador, é condição básica para sua avaliação e da instituição a que pertence.

As informações contidas no histórico disponível no seu site<sup>185</sup> explicam que:

---

<sup>183</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

<sup>184</sup> FOUCAULT, 1987: 160.

<sup>185</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

De 1993 a 1999, o CNPq utilizou formulários em papel, sistema em ambiente DOS (BCURR) e sistema de currículos específicos para credenciamento de orientadores (MiniCurrículo). Nesse período, a Agência acumulou cerca de 35 mil registros curriculares da atividade de C&T do País. Embora os instrumentos tenham viabilizado a operação de fomento da Agência, a natureza das informações dificultava a completa utilização dessa operação em outros processos de gestão em C&T (por exemplo, não era possível separar co-autores ou mesmo contabilizar índices de co-autoria nos currículos).

Entre 1998 e 1999, o CNPq realizou levantamento junto à comunidade de consultores *ad hoc* visando estabelecer um modelo de currículo que atendesse tanto às suas necessidades de operação de fomento como de planejamento e gestão em C&T. Além disso, o grupo de desenvolvimento – **Grupo Stela da UFSC** – incluiu no formulário eletrônico diversas funcionalidades há muito solicitadas pela comunidade científica, tais como relatórios configuráveis, saída para outras fontes, indicadores de produção, dicionários individualizados, importação dos dados preenchidos em outros sistemas de currículos, etc

Entre março e abril de 1999, 140 dos 400 consultores que responderam à pesquisa avaliaram o primeiro protótipo do currículo Lattes (à época denominado CV-Genos). A avaliação geral alcançou 4.5 em escala de 0 - péssimo a 5 - excelente. Em maio de 1999, CNPq e Capes acordaram completa compatibilização do novo currículo do CNPq com os dados de pós-graduação, sob a ótica dos indivíduos de um Programa (pesquisadores, docentes ou discentes). O encontro entre as agências resultou na modificação do protótipo, que se transformou no Sistema de Currículos Lattes e foi lançado a 16 de agosto de 1999. Nos dois primeiros anos do Sistema de Currículos Lattes, a cobertura de currículos ligados a C&T aumentou em mais de 300%, com a base anterior de cerca de 35.000 registros sendo incrementada para mais de 100 mil currículos.

Encontra-se em anexo um exemplo do modelo de currículo que está disponível na Plataforma. Os dados ali presentes permanecem acessíveis e possibilitam acesso a outras instâncias nas quais o profissional tem participação, bem como vincula a outros currículos, cujos nomes são mencionados. Essas funcionalidades foram criadas por um grupo da Universidade Federal de Santa Catarina, grupo Stela, o qual foi contratado e iniciou em fevereiro de 2001 o trabalho de disponibilização da Plataforma de forma gratuita, a fim de que o projeto alcançasse âmbito latino-americano. Contudo, é importante chamar a atenção sobre

o perfil do grupo Stela, ou seja, trata-se de um grupo que está habituado a, historicamente, perceber a universidade sob a ótica empresarial, a exemplo de seus cursos de Administração e Engenharia da Produção. Tal fato pode ser considerado importante no desempenho eficaz aplicado na elaboração do sistema.

Essas inovações mediadas por saberes da tecnociência — especificamente a teleinformática — trazem, sem dúvida, uma série de vantagens nas questões burocráticas de apresentações curriculares. Contudo, o que se pretende é trazer para a análise os efeitos do controle disciplinar, tal como aqueles apontados por Foucault em função da realização do exame.

Nessa perspectiva, o currículo Lattes toma uma configuração muito similar à do exame, como se pode perceber nesta passagem na qual Foucault diz que

o exame combina técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma **visibilidade** através da qual eles são **diferenciados e sancionados**. (...) A superposição das **relações de poder e das de saber** assume no exame todo o seu brilho visível.<sup>186</sup>

A associação do modelo de currículo eletrônico com os aspectos do exame evidenciados por Foucault, sobretudo a visibilidade que estabelece sobre os indivíduos, corresponde à possibilidade de consultas permanentes sujeitas à avaliação tanto dos “especialistas da avaliação” quanto da própria comunidade em geral. Embora a visibilidade do currículo Lattes incida sobre a produção científica e dados curriculares do indivíduo, é ele mesmo, como um pesquisador, docente ou discente, que está sob vigia e se constitui, por meio dos dados (normalizados) do

---

<sup>186</sup> FOUCAULT, 1987: 154.[grifo nosso].

seu currículo, num dos papéis citados. Ele só existe se aparecer por meio do currículo. É esse aspecto que faz do currículo Lattes a expressão da relação poder-saber.

Segundo Foucault,

o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que são uma modalidade de poder para a qual a diferença individual é pertinente.<sup>187</sup>

O mecanismo de ligação entre um certo tipo de formação de saber com uma certa forma de exercício de poder presente no exame também é um aspecto do currículo Lattes. No caso do último, considerado um instrumento de registro de dados utilizados como critérios de qualificação para aquisição de bolsas e reconhecimento quanto ao desempenho de cada profissional. As Informações, portanto, configuram-se como um subsídio do processo de fomento e gestão. Pois, segundo documento,

o CNPq prontificou-se a construir projeto específico para atender a essa demanda, mas salientou a necessidade de manter a confiabilidade das informações (e a Plataforma operacional) dos pesquisadores, dado que estas são o principal subsídio ao processo de fomento.

---

<sup>187</sup> FOUCAULT, 1987, : 160.

Este aspecto que assemelha o exame com as informações do currículo corresponde à construção do indivíduo mediante os saberes das ciências humanas e à construção do pesquisador, docente e discente, mediante o projeto específico construído pelo CNPq.

As informações pertencentes ao âmbito “do que é dito” e aceito podem proporcionar a formação de saberes sobre esses indivíduos que produzem suas pesquisas científicas. Assim, o currículo traz em si a relação poder-saber sobre o próprio indivíduo, tal como aquela apontada por Foucault numa das funções do exame, ao afirmar que

*o exame faz também a individualidade entrar num campo documentário: Seu resultado é um arquivo inteiro com detalhes e minúcias que se constitui ao nível dos corpos e dos dias. O exame que coloca os indivíduos num campo de vigilância que situa-os igualmente numa rede de anotações escritas; compromete-os em toda uma quantidade de documentos que os captam e os fixam. Os procedimentos de exame são acompanhados imediatamente de um sistema de registro intenso e de acumulação documentária. Um “poder da escrita” é constituído como uma peça essencial nas engrenagens da disciplina. Em muitos pontos, modela-se pelos métodos tradicionais da documentação administrativa.<sup>188</sup>*

Esse registro intenso que situa cada indivíduo, na sua particularidade, num campo de igualdade, também se associa aos registros que cada usuário da Plataforma Lattes faz diretamente no seu currículo, mantendo as suas particularidades relacionadas ao seu desempenho nas pesquisas, dentro de um campo de iguais, ou seja, entre os cadastrados no Lattes. Por meio dos registros contidos nos currículos, é possível produzir algum tipo de saber, tanto sobre os conhecimentos produzidos e registrados quanto sobre os indivíduos que os

---

<sup>188</sup> FOUCAULT, 1987: 157.

produzem. No que se refere ao poder da escrita, Foucault aponta alguns pontos moldados nos métodos da documentação administrativa, pela qual se identifica, descobre, qualifica o indivíduo, por meio da documentação constituída dos dados dos exames a que passou. Pode-se citar a instituição escolar sobre a qual Foucault comenta que “era o problema dos estabelecimentos de ensino, onde era forçoso caracterizar a aptidão de cada um, situar seu nível e capacidades, indicar a utilização eventual que se pode fazer dele.”<sup>189</sup>

Esse aspecto do exame é, também, associado ao currículo Lattes, no sentido que este situa o seu usuário de acordo com seus temas produzidos, com as linhas de pesquisa dos grupos a que pertence. Para atender a essa necessidade, na Plataforma Lattes existe um conceito específico sobre os Diretórios de grupos, visto que a partir de 2002 o currículo passou a ser obrigatório para todos os pesquisadores e estudantes participantes do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil.

### **3.2.2 Diretórios**

#### **3.2.2.1 Diretório de grupos**

O Diretório de grupos de pesquisa é o segundo módulo da Plataforma Lattes tomado aqui como expressão da sociedade disciplinar contemporânea.

---

<sup>189</sup> FOUCAULT, V.: 158.

O grupo de pesquisa é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente: cujo fundamento organizador da hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; e envolvidos profissional e permanentemente com atividades de pesquisa; cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; e que, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos.<sup>190</sup>

A partir de 2002, foi estabelecido um novo conceito de Diretório de grupos de pesquisa. Pois, até então (versão 4.0),

o Diretório vinha sendo organizado em torno de uma base de dados que se atualizava completamente a cada dois ou três anos. Essa atualização coincidia com o momento de “tirar-se uma fotografia” da capacidade instalada de pesquisa. Em outras palavras, a atualização da base de dados ocorria no momento de se realizar um novo censo.<sup>191</sup>

Com a Plataforma Lattes a função do Diretório dos grupos ganhou uma nova versão (5.0), na qual houve

uma dissociação conceitual entre a base de dados do Diretório e a atividade censitária dos grupos, que passou a ser apenas uma de suas utilidades. A esta foram agregadas outras, como, por exemplo, a realização de surveys sobre temas variados, sua utilização como filtro para estudos a partir da base de currículos Lattes, a realização de estudos sobre a organização da pesquisa em redes, etc. Essa mudança conceitual se expressa pela constituição de duas bases de dados (e não apenas uma, como antes). Uma delas, chamada base operacional, pode ser atualizada continuamente, a qualquer tempo, pelos líderes de grupo devidamente certificados pela instituição a que pertencem. Outra, que será extraída periodicamente da base operacional, será a base censitária. Esta base será extraída sempre que o CNPq desejar realizar um novo censo da pesquisa. Antes da construção de uma base censitária, o CNPq anunciará esse acontecimento, e os

---

<sup>190</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

<sup>190</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

<sup>191</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

pesquisadores que estiverem com as informações de seus grupos desatualizadas poderão atualizá-las.<sup>192</sup>

Essas inovações facilitam ainda mais o controle das pesquisas por meio do censo e do acesso hierárquico à visibilidade das informações, realizadas no próprio site, que permite a coleta e atualização de dados. Essas consultas estão disponíveis para as autoridades institucionais, líderes de grupo, pesquisador e estudantes que estão vinculados à base operacional do Diretório.

Essa nova versão permite

...ao dirigente institucional gerenciar (cadastrar líderes, certificar grupos, etc.) e visualizar os grupos de pesquisa e as estatísticas relativas à sua instituição. Os líderes de grupos de pesquisa cadastrados pelo dirigente, por sua vez, têm acesso ao formulário do Sistema Grupo para registrar um grupo de pesquisa, além de poderem visualizar o detalhamento dos grupos dos quais fazem parte. Os pesquisadores e estudantes podem visualizar o detalhamento dos grupos de pesquisa de que participam.<sup>193</sup>

Essa forma de funcionamento do Diretório de grupos de pesquisa também se configura como um espaço da relação poder-saber, o que mais uma vez leva à comparação com a idéia de exame trazida por Foucault. Trata-se de um aspecto relacionado com o exercício de poder presente no exame, que pertence ao âmbito do “não-dito”. Tal como aquilo que no exame,

---

<sup>192</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

<sup>193</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

...os historiadores deixaram na sombra. Faz-se a história das experiências com cegos de nascença, meninos-lobo ou com a hipnose. Mas quem fará a história mais geral, mais vaga, mais determinante também do “exame\_ de seus rituais, de seus métodos, de seus personagens e seus papéis, de seus jogos de perguntas e respostas, de seus sistemas de nota e classificação?”<sup>194</sup>

Foucault se refere à relação de poder e de saber superpostos na técnica do exame, e que não são evidenciadas pelos historiadores. Quanto ao Diretório de grupos de pesquisa, essa relação também está superposta, mas o que se passa através do “dito” é o poder desse instrumento, na sua positividade como um instrumento político. Segundo seu relatório,

... tem-se a convicção de que, para um País que logrou desenvolver uma capacidade instalada de pesquisa com as características de tamanho e de complexidade como a que temos, é imprescindível a existência de instrumentos de acompanhamento e avaliação continuados e padronizados que ajudem a convencer a sociedade de que vale a pena investir nessa atividade e, ao mesmo tempo, ajudem o governo e a comunidade científico-tecnológica a aplicarem melhor os recursos quase sempre escassos. No estágio em que se encontra, o Diretório é, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes instrumentos de que dispõe o País.<sup>195</sup>

Por meio dessa forma “ideológica” de expor o poder político desse instrumento, outros exercícios de poder correm o risco de também ficar às “sobras”. Trata-se do poder adquirido pelo desenvolvimento da prática da pesquisa dos participantes do grupo; é a relação saber-poder, em que a experiência de pesquisa garante o poder de liderança e de controle, tal como no modelo disciplinar exemplificado por Foucault ao expor o funcionamento da inspeção constante que ocorreu no final do século XVII, quando se declarava a peste numa cidade. O poder

---

<sup>194</sup> FOUCAULT, 1987: 154.

<sup>195</sup> BRASIL, 2003.

de cada personagem fazia com que se estabelecesse uma ordem disciplinar, ao afirmar que

...o olhar está em toda parte: "Um corpo de milícia considerável, comendo de bons oficiais e gente de bem", corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta a obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados, "assim para vigiar todas as desordens, roubos e pilhagens". (...) chama cada um por seu nome, informa-se do estado de todos, um por um" que os habitantes são obrigados a dizer a verdade sob pena de morte";(...) Essa vigilância que se apóia num sistema de registro permanente: relatórios dos síndicos aos intendente, dos intendentes aos almotacés ou ao prefeito.(...) O registro patológico deve ser constante e centralizado. A relação de cada um com sua doença e sua morte passa pelas estâncias do poder, pelo registro que delas é feito, pelas decisões que elas tomam.<sup>196</sup>

Essa descrição das práticas sociais, apontando a importância de cada papel no modelo disciplinar, pode ser comparada (ressalvadas todas as inovações tecnológicas) com a descrição a respeito do currículo Lattes e do Diretório dos grupos de pesquisa, conforme já citado.

Pode-se dizer que os dispositivos atuais trazem em seus métodos esse mesmo controle. Ele está presente em cada papel dos que participam desse sistema, seja das autoridades institucionais, daqueles cadastrados, seja daqueles que acessam o banco de dados dessas instâncias. Novamente, o aspecto mais evidente que se destaca no Diretório é a vigilância permanente, a forma de poder ali presente. Como foi visto no capítulo anterior, o poder presente nessa relação poder-saber não é aquele que tradicionalmente se exhibe ofuscando a imagem dos que são oprimidos por ele. Trata-se do poder disciplinar que, segundo Foucault, "se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe-se aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. Sua

---

<sup>196</sup> FOUCAULT, 1987: 162-163.

iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre eles”<sup>197</sup>. Este, portanto, é o exercício de poder que resulta no controle da autodisciplina do cadastrado. Embora haja, de maneira explícita, o poder exercido pela autoridade dos papéis que participam, por exemplo, do processo de reconhecimento de cada grupo de pesquisa criado nas instituições.

...a relação do Diretório com os grupos continua a ser institucional, mas as informações não mais devem passar, fisicamente, pelo órgão central da instituição (pró-reitoria, diretorias, etc.). A **autoridade de pesquisa[?]** cadastra os líderes de sua instituição como foi até a versão 4.0, com a diferença de que o CNPq é que deve propiciar o acesso desses líderes ao instrumento de captura de dados, no site do Conselho. Após preencher esse instrumento, o líder envia as informações de seu grupo diretamente ao CNPq. A autoridade institucional tem acesso permanente a essas informações e tem a tarefa de certificar seus grupos para o CNPq, com vistas à sua inclusão na base de dados.<sup>198</sup>

No entanto, é o poder da vigilância que é o enfoque neste estudo, visto que tanto o Diretório de grupos, quanto o currículo Lattes são instrumentos disponibilizados pela Plataforma que, ao exporem visivelmente a produtividade acadêmica de seus usuários, os mantém sob uma espécie de vigilância e avaliação permanente, a exemplo, do registro permanente do controle da população da cidade pestilenta descrita por Foucault.

A visibilidade obrigatória do exame pode ser associada à obrigatoriedade do currículo Lattes, bem como das informações sobre os grupos de pesquisa. Pois,

uma outra mudança ocorrida na versão 5.0 é que todos os pesquisadores e estudantes que participarem dos grupos [de pesquisa] devem ter, compulsoriamente,

---

<sup>197</sup> FOUCAULT, 1987: 156.

<sup>198</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003.

um currículo Lattes no CNPq. Em janeiro de 2002 a base de currículos Lattes já possuía mais de 119.000 currículos cadastrados. Portanto, uma grande parcela da comunidade científica já está lá. Agora, é cuidar para que os novos estudantes que forem se engajando no trabalho de pesquisa desde logo preencham seu currículo e enviem-no ao CNPq. A partir de 2002, todos os bolsistas de pesquisa, de mestrado, de doutorado e de iniciação científica, orientadores credenciados e outros clientes do CNPq **devem** [grifo nosso] ter um currículo cadastrado. A inexistência do currículo impedirá pagamentos e renovações.

O sentido da obrigatoriedade do cadastro currículo Lattes para a participação nos grupos de pesquisa agrega um poder coercitivo no sentido de estar vinculado aos pagamentos e às renovações de bolsas.

Esses dois módulos da Plataforma Lattes estão interligados diretamente com a Capes. Por serem uma importante base de dados, são fornecedores das informações necessárias para a avaliação dos cursos de pós-graduação. A compatibilização da Capes com o CNPq sobre esses instrumentos significa e extensão dos mesmos métodos aplicados na avaliação dos cursos de pós-graduação. Pois,

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil é uma base de dados desenvolvida no CNPq desde 1992. Ela contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no País. As informações constantes na base dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos, às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, aos cursos de mestrado e doutorado com os quais o grupo interage, à produção científica e tecnológica e aos padrões de interação com o setor produtivo. Além disso, cada grupo é situado no espaço e no tempo.<sup>199</sup>

O Diretório de grupos de pesquisa tem, portanto, a função de captar as informações de cada integrante do grupo de pesquisa das instituições e situá-los no seu devido lugar, ou seja, verificar a coerência das suas produções com a linha de

---

<sup>199</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.].

pesquisa e da sua interação com programas ou aplicação prática de seus estudos. Assim, o controle sobre os integrantes do grupo em mantê-lo vinculado aos padrões de seu setor produtivo, pode atender aos propósitos da sociedade disciplinar, ou seja, a eficácia nos resultados da produção acadêmica por intermédio do produtor-controlado.

### 3.2.2.2 Diretório de Instituições

As próprias instituições também têm seus dados de identificação capturados na Plataforma Lattes, e subtendo-os ao mesmo procedimento de avaliação. Trata-se do Diretório de instituições.

É lícito suspeitar que o Diretório institucional disponível na Plataforma Lattes é um instrumento, tal como o exame, dotado de um poder de gerar saberes capazes de controle. A diferença entre a análise que se faz dele, em relação ao Diretório de grupos de pesquisa, é que os **clientes**, ou público alvo que ele controla, são as instituições de modo geral. Nesse sentido, o que se pretende é apontar algumas semelhanças entre os mecanismos de controle executados pelo Diretório de instituições, e alguns aspectos do conceito de **biopoder** abordado anteriormente. Pois, “atualmente estão disponíveis cerca de 100 mil registros de instituições e suas subunidades.”<sup>200</sup> Sendo assim, pode-se pensar na função do Diretório de Instituições como uma forma de controle de população.

Segundo o documento exposto no site da Plataforma,

O Diretório de Instituições é o módulo da Plataforma Lattes responsável pela gestão das informações institucionais. Reúne dados de identificação básica e da estrutura organizacional de universidades, empresas, institutos de pesquisa, organizações não-governamentais e demais instituições com qualquer tipo de interação com a

---

<sup>200</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.]

pesquisa científica e tecnológica no Brasil e no exterior, notadamente as que participam do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil e aquelas cujos estudantes e pesquisadores demandam apoio do CNPq.<sup>201</sup>

O Diretório de instituições suscita uma analogia com a análise de Foucault sobre o biopoder. Este, como já se mencionou, é identificado por Foucault como a forma com que foram implantados de maneira gradativa e persistente, as medidas, os registros e os controles que minuciosamente fizeram com que o poder se exercesse positivamente ao nível da vida, da raça, da espécie e dos fenômenos maciços da população, ou seja, uma série de dados coletados sobre os indivíduos que se tornaram saberes capazes de gerenciar a vida .

Pode-se dizer que o Diretório de instituições ao reunir dados de identificação básica e da estrutura organizacional das instituições, faz emergir a idéia de população pertencente às instituições, que se torna um problema político, tal como aquele que logicamente devia ser administrado e explorado pelo Estado. Essa população não tem a função de produzir a vida segundo um gerenciamento do biopoder relatado por Foucault. Mas, mediante dados das instituições, também de forma persistente e contínua, o Diretório possibilita um gerenciamento da produção de pesquisa. Pois,

o Diretório de instituições pode ser visto como uma ampla 'mala direta' institucional de ciência e tecnologia e é o suporte para a produção de informações estatísticas segundo as dimensões regionais, estaduais e institucionais para apoio à gestão e ao planejamento, bem como para as atividades operacionais dos demais módulos da Plataforma Lattes, como a eleição eletrônica dos Consultores *ad hoc* e a emissão dos termos de auxílio à pesquisa para pagamento.<sup>202</sup>

---

<sup>201</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.]

<sup>202</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.]

Assim, o Diretório pode ser comparado à Política da Saúde no século XVIII, que, segundo Foucault, trata-se de uma

medicina privada, “liberal”, submetida aos mecanismos da iniciativa individual e às leis do mercado; uma política médica que se apóia em uma estrutura de poder e que visa à saúde de uma coletividade;(…)O que o século XVIII mostra(…) são duas faces do mesmo processo: o desenvolvimento de um mercado médico sob a forma de clientela privada, a extensão de uma rede de pessoal que oferece intervenções medicamente qualificadas, o aumento de uma demanda de cuidado por parte dos indivíduos e das famílias, a emergência de uma medicina clínica fortemente centrada no exame, no diagnóstico, na terapêutica individual, a exaltação explicitamente moral e científica (...). Não há, sem dúvida, sociedade que não realize uma certa “nosopolítica”.<sup>203</sup>

A semelhança entre a Política da Saúde do século XVIII e o Diretório Institucional está na submissão de ambos aos mecanismos da iniciativa individual que visa a coletividade. No caso do Diretório, um exemplo desse mecanismo pode ser ilustrado quando este é utilizado pela CAPES, ao fornecer os dados que qualificam os programas de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. Por exemplo, a classificação do profissional no Núcleo de Referência Docente (NRD 6), que corresponde ao nível máximo atingido pelo docente, em relação a sua produção científica e atuação em programas (publicações, orientações, participações em eventos, aulas ministradas etc.), é uma referência individual do docente, mas que interfere diretamente na pontuação das instituições que desenvolvem os programas de aperfeiçoamento e que são avaliadas com padrões da coletividade. Enquanto na análise de Foucault, as pesquisas podem tomar o lugar da doença, e a avaliação ocupar o lugar do exame, conclui-se que a Plataforma Lattes é uma clínica que permite o diagnóstico oferecendo a idéia citada acima, ou seja, de uma “terapêutica individual”. Portanto, a necessidade de um controle sobre a produção científica

---

<sup>203</sup> FOUCAULT. 1979: 193-194.

passa a ser fundamental para todos os papéis envolvidos, inclusive, no seu aspecto político. Pois,

...com o advento da Plataforma Lattes, o Cadastro de Instituições foi mais uma vez renomeado, **agora como Diretório de Instituições, e recebeu nova roupagem, além de mecanismos mais avançados de controle.**[grifo nosso] Vale destacar que seu uso ininterrupto nos últimos 30 anos o torna talvez um dos mais antigos sistemas em operação contínua no Brasil.<sup>204</sup>

A rigor, O Diretório de instituições é um “mecanismo de controle” da produção científica e tecnológica. Serve, até, ou preferencialmente, para adaptar as instituições de pesquisa e ensino às prioridades de produção do conhecimento estabelecida pelo Estado. É, portanto, um “mecanismo” político, um “sistema” operacional que diagnostica a situação do cliente e aponta o “remédio” ou o “antídoto” a fim de que ele se adapte às propriedades do Estado. Mas, não somente isto. Ao “controlar”, premia (com verbas, auxílio, bolsas etc.) ou pune.

Nesse sentido é que pretende evidenciar que a Plataforma Lattes pode ser vista sob uma perspectiva que a define como um ambiente on-line comparado a um modelo compacto disciplinar, tal como aquele descrito por Foucault, ao expor sua idéia sobre o panoptismo característico da sociedade moderna, ou seja,

esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e

---

<sup>204</sup> PLATAFORMA LATTES, 2003: [s.p.]

distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos\_ isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar.<sup>205</sup>

---

<sup>205</sup> FOUCAULT, 1987: 163.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta leitura da gênese da Plataforma Lattes, que teve como percurso uma rápida passagem pelos escritos de Nietzsche sobre a genealogia, prosseguindo rumo à exploração um pouco mais ampla a respeito de algumas concepções do pensamento de Michel Foucault, sobretudo, a relação poder-saber e a sua concepção da sociedade disciplinar e, chegando por fim, a uma análise da gênese da Plataforma Lattes, teve como ponto de partida algumas inquietações a respeito de práticas adotadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) na passagem do século XX para o século XXI, especificamente, sobre a forma de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior.

Segundo esta leitura, a Plataforma Lattes foi considerada um instrumento utilizado nas práticas institucionais, sobretudo, para a avaliação da competência na produção de pesquisa científica. A partir da constatação do poder de controle significativo que esse instrumento vem adquirindo sobre a produção de pesquisas, suscitou a pergunta sobre as condições de seu surgimento que, como foi visto, está implicada com alguns aspectos da Reforma do Estado que enfatiza a sua função de Estado avaliador. Assim, esse instrumento agrega um caráter político e é o fornecedor de dados essenciais para a fomentação no setor de C&T.

A Plataforma Lattes vincula-se a um feixe de relações que envolvem poder e saber. O controle que ele exerce sobre os saberes produzidos e, conseqüentemente, sobre aqueles que as produzem, desde o iniciante em pesquisa,

professores, pesquisadores, passando para os grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, incluindo as próprias instituições, levou a questionamentos sobre os aspectos que garantem a sua eficiência. Tais aspectos foram investigados a partir da sua gênese, que sob a luz do pensamento de Michel Foucault enraizado no solo preparado por Nietzsche, constatou-se a presença da relação poder-saber manifestada em práticas disciplinares. Assim, sua afetividade torna-se eficiente por moldar-se segundo técnicas disciplinares.

Na concepção de genealogia, primeiro pressuposto teórico deste trabalho, os termos elementares que possuem um sentido específico, como a vontade de poder, interpretação e engajamento representam as características presentes na ação do genealogista. Por meio de um 'procedimento prático' que decorre de um certo incômodo do genealogista diante de algo que questiona e que, impulsionado por uma vontade de poder busca trazer novas perspectivas sob a forma de interpretações desse algo que questiona. A diferença é que o genealogista não recorre às causas últimas e finalistas dos fatos, mas das condições circunstanciais de seu surgimento. Relembrando o exemplo de Nietzsche que, ao questionar o valor dos valores, abriu a possibilidade para que novas perspectivas pudessem se apresentar e proporcionar interpretações diversas que atuam numa espécie de jogo de forças, onde cada uma pretende-se afirmar como verdadeira, tendo em si a vontade de verdade. Assim, o procedimento genealógico exige um engajamento do genealogista, capaz de atingir algo além de conhecimentos produzidos pela pesquisa genealógica, ou seja, conduzir suas análises para um campo da vontade de poder.

Alguns traços desse procedimento genealógico foram tomados das pesquisas de Foucault, quando ele questionou o aparecimento da prisão, lançando-se a uma investigação que lhe permitiu interpretar esse fato sob a perspectiva nietzscheana da vontade de poder. O procedimento que levou Foucault a formular uma questão nuclear e própria do seu pensamento, a articulação entre poder e saber abriu espaço para que estabelecesse sua tese de que os saberes se produzem num feixe de relações de poder, das quais também podem ser constituintes.

As análises de Foucault sobre a aplicabilidade de técnicas disciplinares nas práticas sociais do final do século XVIII e início do XIX, levaram a concluir que a sociedade contemporânea ainda se configura como 'sociedade disciplinar'. Essa sociedade caracterizada pela organização do espaço e tempo, pela vigilância constante que proporciona o registro do comportamento dos indivíduos, que somadas com a avaliação, extraem saberes sobre eles que são revertidos em novas formas de controlá-los.

Segundo Foucault, a eficiência desses mecanismos fez com que permanecessem sendo aplicados. Esta eficiência pode ser considerada como fruto da relação poder-saber que já traz em si, a vontade de poder que fomenta essa relação. Portanto, considera-se inevitável a presença dessa relação em práticas sociais que se efetivam com sucesso. Nesse sentido, se identificou essa relação, bem como seus dispositivos, na prática da avaliação da produção de pesquisa científica no ensino superior, que possui um instrumento muito eficaz para esse empreendimento: a Plataforma Lattes.

A via de acesso para chegar a essa interpretação foi a Reforma do Estado iniciada no Brasil em 1995, decorrente das mudanças globais surgidas na década de

1970. O Estado deixou de atuar nesse setor como intervencionista, passando a exercer a função de Estado avaliador. Essa nova configuração do setor social está se refletindo nas instituições, sobretudo no ensino superior.

Um dos aspectos que evidenciam esse reflexo da mudança do Estado no ensino superior são os discursos sobre 'avaliação da competência', que tomou força, fazendo gerar novos saberes sobre essa questão, que fomentaram o desenvolvimento de instrumentos eficientes para sua aplicabilidade. Assim, com o auxílio dos aparatos e conhecimentos tecnocientíficos, no Brasil nasce um espaço na WEB, a Plataforma Lattes, que é utilizado pelos principais órgãos responsáveis pelo fomento das pesquisas científicas por meio de seus módulos que captam dados curriculares sobre os indivíduos, os grupos e as instituições envolvidas com a produção científica.

A análise que teve como objetivo mostrar que a Plataforma Lattes poder ser considerada um instrumento de observação e registro de dados, e assim apresentar resultados que geram saberes, tal como o exame instituído no final do século XVIII, devido a sua possibilidade de visibilidade contínua, que conduz a uma autodisciplina daquele que sabe que está submetido a essa visibilidade. Pois, da mesma forma que as técnicas disciplinares aplicadas nos indivíduos lhes retirava a condição de sujeitos da sociedade, passando a ser sujeitados por ela, pergunta-se se essa condição atual para a produção científica não lhe retira a própria identidade, considerando uma pesquisa que brota dos princípios e dos métodos científicos e que não surge de uma esteira de linha de produção em série, como um produto que vem servir a uma necessidade de grande demanda. A resposta afirmativa a esta questão surge, sobretudo, a partir das semelhanças apontadas entre a Plataforma

Lattes e os Dispositivos disciplinares analisados por Foucault. Estas semelhanças podem ser percebidas nas técnicas desenvolvidas e adotadas de maneira interligadas pelas instituições modernas e contemporâneas, tais como : **Visibilidade, Controle, a Arte das distribuições, Sanção normalizadora** e o **Exame**. Essas técnicas estão presentes, sobretudo, no funcionamento Currículo Lattes.

A **visibilidade**, por exemplo, que no panóptico de Bentham se estabelecia sobre o indivíduo e assim propiciava o seu **controle** pelo fiscal da torre central, corresponde hoje à possibilidade de consultas permanentes, sujeitas à avaliação de especialistas e da comunidade interessada que acessa o monitor da internet. A visibilidade possibilita que se faça um controle do tempo, quantidade e qualidade da produção de pesquisa, sendo que tempo e quantidade são os critérios que mais pesam nessa avaliação. Portanto, da mesma forma que o controle do tempo possibilitou a produção de corpos dóceis e úteis, o controle da produção de pesquisa científica produz hoje, os “pesquisadores adestrados”.

Com o cadastro dos dados curriculares acessados, a **Arte das distribuições** também se assemelha ao se manifestar, por exemplo, no Diretório de instituição utilizado pela CAPES para a classificação do profissional de nível superior. Pois, quando no século XVIII se ordenava o aluno em filas, a fim de localizar cada indivíduo de acordo com seu desempenho escolar, atribuindo-lhes uma hierarquia do saber ou capacidades, traduzidas materialmente no espaço que ocupava, como uma repartição de valores e méritos. Também hoje, o pesquisador é posicionado, por exemplo, no nível NRD 6 e assim usufruir dos “prêmios” (remuneração salarial, bolsas etc.) que lhe são atribuídos pelos órgãos de controle. Mas, caso não corresponda aos critérios de produção de pesquisa científica e ação

docente exigidas pelos avaliadores, este pode sofrer penalizações, como por exemplo, o retorno a um nível inferior de qualificação, que tanto a instituição quanto ele, perdem no quadro geral de conceitos e pontuações, e assim os prêmios atribuídos. Esta situação pode ser comparada a **Sanção normalizadora**, ou seja, os recursos para o bom adestramento, aplicados nas práticas sociais disciplinares analisadas por Foucault.

Todas estas técnicas que, segundo Foucault são articuladas por meio do **Exame**, fazendo “de cada indivíduo um ‘caso’ que ao mesmo tempo constitui um objeto para o conhecimento e uma tomada de poder”<sup>206</sup> é que dão ao exame um caráter epistemológico, sobretudo, por ele corresponder ao centro da relação poder-saber. Visto que é dotado de poder (ele é uma forma de exercício de poder) e capaz de extrair saberes e formar um campo epistemológico sobre o conteúdo que examina. Assim, tal como o exame propiciou, por exemplo, os saberes das ciências do homem no início do século XIX, no século XXI os resultados das avaliações realizadas via Plataforma Lattes, estão dotadas de poder que lhes permite constituir saberes sobre pesquisas e pesquisadores que passam por esta forma de exame.

Diante, portanto, das semelhanças entre as técnicas disciplinares analisadas por Foucault e a Plataforma Lattes, constatou-se ao final deste trabalho, a necessidade não só de um alerta para a forma com que o sistema disciplinar está ocorrendo via Plataforma Lattes, (Será que existe condição propícia para a exigência que se faz? Será que poderemos usufruir a frase dita por Foucault numa de suas entrevistas: “ No fundo, escrevo pelo prazer de escrever.”<sup>207</sup>?) mas, sobretudo, de

---

<sup>206</sup> FOUCAULT, 1987, p. 159.

<sup>207</sup> FOUCAULT, 2002b: 157.

que na relação entre Estado e Educação está se produzindo o “pesquisador adestrado” eficaz, inclusive, para a proposta política econômica que se pretende hegemônica.

Outras análises sobre esse instrumento de avaliação podem ser feitas se forem considerados os novos questionamentos que surgem, como por exemplo, quanto à qualidade das pesquisas que são produzidas sob o exercício de poder implícito nesse instrumento que fornece os dados para uma avaliação que atribui competência à quantidade de atividades diversas, sobretudo do docente. Contudo, neste trajeto, tivemos o olhar direcionado para um ‘horizonte em fuga’, mas persistimos em nos aproximar para poder desvendar alguns pontos que estavam encobertos pelo discurso das certezas científicas. Esse desvendamento não teve qualquer pretensão de trazer ou mostrar alguma verdade, porque a leitura efetuada teve desde seu ponto de partida a expectativa pelas possibilidades de “novas perspectivas fugidias cujo vislumbre incita a continuidade da investigação”<sup>208</sup>

---

<sup>208</sup> DIEZ, 2002: 46.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, JR. A Avaliação da educação superior no contexto das Políticas Educacionais. In: RISTOFF, D.I.; SOBRINHO, J. D. **Avaliação Democrática**: para uma universidade cidadã. Florianópolis: Insular, 2002.

ARAÚJO, Inês Lacerda de. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

BLONDEL, Eric. "The Question of genealogy". In: SCHACHT, Richard (Ed.) **Nietzsche, Genealogy, Morality**: 306-317. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1994.

BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. **CNPq**. <http://www.cnpq.br/>. download em outubro de 2003.

DIEZ, C.L.F.; HORN, G.B. **A Construção do texto Acadêmico**: Manual para elaboração de projetos e Monografias. Curitiba: Livro de Areia, 2002.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Uma Trajetória Filosófica**: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ESCOBAR, C.H. **O Dossier**: últimas entrevistas. Rio de Janeiro : Taurus, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 16.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **La Hermenêutica Del Sujeito**. 2 ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1982-2001.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002b.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: nna Blume, 1997.

LEBRUN, G. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARTON, S. **Nietzsche e a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 1993.

MACHADO, R. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MERQUIOR, José Guilherme. **Michel Foucault ou niilismo de cátedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MUCHAIL, S. .T. **Sobre o conceito de genealogia em Michel Foucault**. Revista de Filosofia (Curitiba). Curitiba, PUCPR: v.13, n.12, p.7-12, jan./jul.2001.

\_\_\_\_\_. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. *in.*: RIBEIRO, R. J. **Recordar Foucault: os textos do colóquio de Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PASCHOAL, A. E. **A Genealogia de Nietzsche**. Curitiba: Champagnat, 2003.

\_\_\_\_\_. **Loucura e Crime do Ponto de Vista de Instituições Sociais: uma leitura das análises de Michel Foucault**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Campinas, PUCSP, 1994.

PLATAFORLA LATTES. **Consulta Currículos Lattes**. <http://genos.cnpq.br:12010/dw/lattes/owa/consultapesq.inicio>. Dowload em outubro de 2003.

RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RIBEIRO, R. J.(org.)São **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RISTOFF, D.I.; SOBRINHO, J. D. **Avaliação Democrática : para uma universidade cidadã**. Florianópolis: Insular, 2002.

SANTOS, M. S. **Do neo-liberalismo ao modelo por competências e suas implicações sobre a educação**. Texto de qualificação da dissertação de mestrado. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2003.

SILVA Jr, J. R., SGSSARDI, V. **Novas Faces da Educação Superior no Brasil: Reformas de Estado e Mudanças na Produção**. Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da Educação**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Sandra Coelho de. **A ética de Foucault**. Belém: Cejup, 2000.

## **ANEXO: exemplo de currículo Lattes**